

Textos : Ir. Giovanni Maria Bigotto
Tradução: Ir. Aloísio Kuhn

A FÉ DA MÃE

Índice

1-O ano da fé	p. 3.
2-Jesus, o centro da fé	p. 4.
3-Uma vida na fé	p. 5.
4-A fé da Virgem Maria	p. 6.
5-Um sim plenamente iluminado	p. 7.
6-Nove meses no seio	p. 9.
7-Entre sombras e luzes, 1	p. 11.
8-Entre sombras e luzes, 2	p. 12.
9-Entre sombras e luzes, 3	p. 14.
10-Encarnação e humanização	p. 15.
11-A palavra e o silêncio	p. 16.
12-Maria vista por São João	p. 18.
13-A fé no momento da Cruz	p. 19.
14-Em Maria, uma fé com numerosas facetes, 1.	p. 21.
15. Em Maria, uma fé numerosas facetes, 2.	p. 23.
16- Em Maria, uma fé numerosas facetes, 3.	p. 25.
17-Caminhar com os imprevistos de Deus, 1.	p. 27.
18-Caminhar com os imprevistos de Deus, 2.	p. 28.
19-Afé de uma peregrina	p. 30.
20-A fé é uma paixão	p. 32.
21-A fé de Maria no Evangelho de João	p. 34.
1-O evangelho de João	p. 34.
2-Características do evangelho de João	p. 35.
3-A fé no evangelho de João	p. 36.
4-A fé avança de capítulo em capítulo no Ev. de João	p. 37.
5-Visão global do evangelho	p.39.
6-Os sinais e o SINAL	p.40.
7-Maria nos sinais	p. 41.
8-A fé nos sinais	p. 44.
9-Ainda os sinais	p. 46.
22-Oração: Recebe meu 'sim'	p. 48.
23-Maria, a primeira	p. 49.

1- O ano da fé (11 de outubro 2012 – 24 de novembro 2013)

Sua Santidade, o Papa Bento XVI, convida toda a Igreja Católica e cada um de seus membros a viver “um ano da fé”. A carta apostólica “*Porta fidei*”, de 11 de outubro de 2011, é o documento que promulga esse ano especial da fé. Podemos perguntar-nos qual é a intenção do Papa e a que objetivos ele visa.

Está claro que o Papa deseja que « a fé » esteja no centro de todo um ano para que ela seja renovada, aprofundada, esclarecida, vivida mais conscientemente, irradiada, redescoberta, se perdida, que se torne realidade cotidiana em nossa vida. O fiel deve chegar “a uma consciência mais esclarecida de sua fé, para reavivá-la, purificá-la e proclamá-la”. (*Porta fidei*, 4)

O Papa aproveitou a ocasião do cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, e o vigésimo aniversário da publicação do Catecismo da Igreja Católica, para propor o Ano da fé. Começando em 11 de outubro de 2012, será concluída no dia 24 de novembro de 2013, na solenidade de Cristo Rei. Em outubro de 2012 foi celebrado, também em Roma, o Sínodo dos Bispos, sobre o tema da “Nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. (*Porta fidei*, 4)

Por que o Papa toma essa iniciativa? Porque estamos num mundo que muda muito depressa. Os progressos em todas as ciências são tão rápidos e numerosos que as gerações perdem o contato entre si, e a fé não é mais transmitida dos pais aos filhos. “Os conteúdos essenciais da fé... têm necessidade de ser confirmados, compreendidos e aprofundados de maneira sempre nova, para dar um testemunho coerente, em condições históricas diferentes daquelas do passado”. (*Porta fidei*, 4 e 8)

Hoje, o contexto cultural mundial é construído sobre valores diferentes daqueles da fé, dando primado para a economia, as finanças, a política, as conquistas da ciência e da tecnologia, e para a vida a ser gozada no imediato: “Com efeito, a fé é submetida, mais do que no passado, a uma série de interrogações que provêm da mentalidade mudada que, especialmente hoje, reduz o domínio das certezas racionais àquele das conquistas científicas e tecnológicas”. (*Porta fidei*, 12)

Acontece que a mídia é ferozmente contrária aos valores cristãos, mas, com frequência ela os esquece como valores, tendo pouco impacto real sobre a vida. Estamos numa cultura horizontal, e os valores transcendentais são ignorados sem que aconteça um drama por isso. A fé é enfraquecida não apenas entre os fiéis, mas até entre os pastores. O papa nos convida a redescobrir todo o valor, a força e a beleza da fé que assegura que o homem é um ser eterno, chamado a uma vida plena, bela, santa e eterna. A fé é a chave do sentido do homem e do universo. (*Porta fidei*, 2 e 9)

2- Jesus, o centro da fé

O primeiro recurso para tornar sólida a fé é fortalecer nossa relação com o Senhor, ele “o autor e o realizador da fé” (Hb 12,2). O retorno a Cristo é como o centro da mensagem do Papa; ele retorna, de página em página, como um ‘leitmotiv’. Bento XVI escreve: “Possa este Ano da Fé tornar cada vez mais firme a relação com Cristo Senhor, dado que só n’Ele temos a certeza para olhar o futuro e a garantia dum amor autêntico e duradouro” (*Porta fidei*, 15). “Crer em Jesus é, pois, o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação” (*Idem*, 3).

Nossa relação com o Senhor se fortalece na oração, na meditação da Palavra de Deus, na liturgia vivenciada, na Eucaristia, na vida comprometida em favor dos irmãos e irmãs (“a fé sem obras é morta” - Tg 2,14-18 e *Porta fidei*, 14), na imitação dos exemplos de fé: os santos, os mártires, e antes de tudo, aquela que foi declarada “feliz” por causa de sua fé, a Mãe do Senhor (*Porta fidei*, 13).

No entanto, a luz da fé nos vem também mediante o estudo, a leitura dos livros que tratam da fé, conferências, cursos, retiros sobre a fé. O coração precisa abrir-se para acolher o Senhor, mas a inteligência também deve dar sua contribuição: a fé é um tecido de afeição e de inteligência. São Pedro nos convida a “saber dar a razão de nossa fé” (1Pd 3,15), saber explicá-la, comunicá-la, difundi-la por todos os meios que a tecnologia moderna coloca em nossas mãos. A Igreja sempre combinou o mundo da mística (o amor) e o da teologia (o pensamento).

O Papa convida toda a Igreja e cada fiel a empreender esse caminho do Ano da fé: “Será uma ocasião propícia para introduzir a estrutura eclesial inteira, num tempo de reflexão particular e de redescoberta da fé.” (4)

Imitando o capítulo 11 da carta aos Hebreus, centrado nos modelos da fé, o Papa dirige nosso olhar para aqueles que são para nós exemplos na fé, sendo a Virgem Maria a primeira: “Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus na obediência da sua dedicação...” (cf. Lc 1,38). A seu exemplo, teremos o olhar fixo sobre Jesus Cristo “autor e consumidor da fé” (Hb 12,2) (*Porta fidei*, 13).

As páginas que seguem desejam ajudar os fiéis a caminhar com a fé da jovem Mãe do Salvador, e, seguindo os passos de Maria, redescobrir a própria fé, fortificá-la, purificá-la, torná-la ativa, de modo que ela seja completamente centrada sobre o Senhor. Assim como Maria unificou toda sua vida em favor de Jesus, o filho que lhe é dado, assim nossa vida unificar-se-á em torno do Cristo e o anunciaremos a todos aqueles que estão próximos a nós.

3- A vida na fé

«Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus, na obediência da sua dedicação (Lc 1,38). Visitando a Isabel ela elevou seu cântico de louvor ao Altíssimo pelas maravilhas que realizava em quantos a ele se confiavam (Lc 1,46-55).

“Com alegria e trepidação ela dá à luz seu filho único, mantendo intacta sua virgindade (Lc 2,6-7). Confiando em José, seu Esposo, levou Jesus para o Egito para salvá-lo da perseguição de Herodes (Mt 2,13-15). Com a mesma fé, seguiu o Senhor na sua pregação e permaneceu a seu lado mesmo no Gólgota (cf. Jo 19,25-27). Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus e, conservando no coração a memória de tudo (cf. Lc 2,19.51), transmitiu-a aos Doze, reunidos com Ela no Cenáculo, para receberem o Espírito Santo” (cf. At 1,14; 2,1-4). (Bento XVI, *Porta fidei*, 13).

Esse olhar do Papa percorre rapidamente a vida da Virgem Maria e mostra que ela é totalmente guiada pela fé. Na fé, Maria se doa totalmente ao filho; aceita ter o filho como centro de sua vida; é uma fé maternal. Maria sabe que a mãe é também a primeira educadora do filho; educar implica inteligência, tempo, paciência, liberdade para a criança. Maria vai desenvolver em si um amor maternal responsável. Sua resposta a Gabriel diz exatamente isso: “Eu sou a serva do Senhor!” (Lc 1,38). Nela tudo estará a serviço do filho. E Jesus percebe isso, sabe que é amado; é mesmo sua primeira experiência enquanto homem: ser amado. A verdadeira fé desabrocha sempre no amor e o amor abre totalmente as portas ao crescimento da criança: “Quanto ao menino, ele crescia e se fortificava, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele (Lc 2,40)... Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52). Nesse sadio crescimento de Jesus, esconde-se uma presença materna constante, ainda que discreta. Maria vive com José sua responsabilidade de mãe e de educadora. Em sua infância, Jesus recebe um amor maternal e paternal que depositam nele grande equilíbrio humano.

4- A fé da Virgem Maria

*Here below to live is to change,
and to be perfect is to have changed often.
(Aqui, sobre a terra, viver é mudar,
e ser perfeito é ter mudado muitas vezes.)*
Newman

«A vida espiritual

*é caminhar de começo em começo,
por começos que recomeçam sempre. »*
(São Gregório de Nissa – Vida de Moisés)

Praça São Pedro, 20 de novembro de 2010, às 9h20. Na basílica serão constituídos 24 novos cardeais. Chove. Estávamos na fila para entrar na basílica. Na praça, a longa fila forma uma espécie de concha. Sob meu guarda-chuva se refugiou uma senhora idosa. Na conversa ele repete várias vezes ser uma mulher de fé inquebrantável. Eu admirava sua espontaneidade; a minha não é maior do que um grão de mostarda, e perguntava-me eu como é que se pode ter uma fé inquebrantável. Entretanto, é verdade que Jesus disse à Cananéia: “Mulher, grande é tua fé!” (Mt 15,28).

E a fé da jovem Maria, então, como seria essa fé da mãe? É bem a ela que se dirige a primeira bem-aventurança dos evangelhos: “Bem-aventurada tu que acreditaste...” (Lc 1,45). Essa exclamação vem de Isabel e do Espírito Santo. A bem-aventurança da fé é a base de todas as outras. Ela é, na verdade, a primeira das bem-aventuranças, mas será também a última a ser lembrada nos evangelhos: “Felizes aqueles que creram sem ter visto” (Jo 20,29).

A fé de Maria abre caminho entre sombras e luzes; é uma fé muito rica de qualidades surpreendentes e práticas; é uma fé-paixão, é a fé da mãe.

5- Um sim plenamente iluminado

(Lc 1,26-38)

No evento da Anunciação, Maria passa de uma profunda perturbação para um sim pronunciado em plena luz, com a consciência plenamente iluminada.

De fato, encontramos a jovem Maria totalmente empenhada em compreender, compreender a fim de dar a resposta certa. Maria aparece com frequência como uma pessoa reflexiva e atenta, que vive no santuário do coração.

À saudação de Gabriel: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”, segue-se uma profunda perturbação: “Ela perturbou-se com essas palavras”. Mas sua tensão interior, sua disposição frente à mensagem era de esforço para compreendê-la: “começou a pensar qual seria o significado da saudação”.

Gabriel responde essencialmente a essa tensão em busca de compreensão. Convida Maria à serenidade e depois a ilumina, interiormente: “Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus”. Estamos num futuro imediato, quase presente, como se a concepção já tivesse começado, como se Maria não pudesse subtrair-se a essa graça imensa para ela e para toda a humanidade.

Depois o anjo enuncia, lentamente, gota a gota, os diversos elementos da identidade do menino, dando a Maria o tempo de escutar, de internalizar e de assimilar todos esses aspectos de luz:

“Será grande.

Será chamado Filho do Altíssimo;

o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai;

reinará para sempre sobre a descendência de Jacó,

o seu reino não terá fim”.

Gabriel deu tempo a Maria para acolher, luz após luz, o rosto espiritual do menino anunciado. O beato Fra Angelico, em suas anunciações, apresenta muitas vezes Maria inclinada para Gabriel, em atitude de intensa escuta.

A pergunta de Maria revela quanto ela havia compreendido Gabriel, quanto era exata a ideia que se havia feito da criança: Nascerá de mulher e será chamado Filho do Altíssimo, herdará um reino que atravessa a amplitude do tempo e do espaço e penetra na eternidade. Sua pergunta insiste, agora, sobre o como. Trata-se ainda da necessidade de luz interior: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?” Dentro de sua consciência, Maria intui que esse menino não pode provir de um amor humano, não pode ser o filho de um homem e de uma mulher. A criança anunciada é grande demais, enche o tempo e a eternidade e o seu trono está no coração de cada mortal. É como se Maria dissesse: “Não conheço homem capaz de dar-me tal filho, e então como será isso?” Como será superada a incapacidade humana?

O anjo ilumina, ainda mais profundamente, a inteligência espiritual de Maria: “É uma

coisa impossível ao homem, mas a Deus tudo é possível. O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Eis que Isabel... Para Deus nada é impossível”.

Uma luz límpida, serena, plena, ilumina a mente, o coração, a vontade de jovem Maria: a criança anunciada é colocada em plena luz. Assim vê-lo-ão os pintores do Renascimento, em suas telas alusivas ao Natal: Jesus fonte da luz que ilumina os presentes e antes de tudo, a jovem Maria. O sim da Virgem - “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” - germina nessa luz. Maria é levada, por essa luz e pelo Espírito, a voltar-se totalmente ao menino anunciado. E brota nela o amor de mãe, o amor sem limites, amor-paixão, o primeiro amor a Jesus.

Na Anunciação domina a luz: Maria, plenamente iluminada, pronuncia um sim. Essa luz não é uma revelação antecipada do futuro, mas um conhecer a vontade de Deus que se torna confiança e a força do sim. É uma compreensão do menino que, em germe, contém tudo quanto os Evangelhos, Paulo, Pedro, João, o Apocalipse, vão dizer de Jesus, Alfa e Ômega de toda a história da salvação.

O acolhimento que a jovem virgem reserva a essa criança é o primeiro desabrochar da fé cristã, uma fé que se expande no amor; é a fé da mãe.

Por outra parte, as mulheres sabem por sua natureza feminina o que significa ser mãe. Afirma-o uma senhora pobre do México. Em sua casa conservava este escrito:

Ser mãe
 é um doce sofrimento.
 É sacrificar-se
 por que assim escolhemos.
 É viver duas vezes.
 É palpitar
 com duplo coração;
 ver
 sem precisar olhar;
 amar
 antes mesmo de conhecer;
 acreditar
 na vida de outro mundo,
 e sentir
 a presença de Deus.

6- Nove meses no seio

Como todos nós, Jesus se formou no seio da Virgem Maria, durante nove meses. Muito brevemente, Paulo e João aludem a essa fase. Paulo escreve aos Gálatas: “Mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4,4). Também João nos recorda esse período, de passagem: “E o Verbo se fez carne e veio morar no meio de nós” (Jo 1,14).

Está presente, por tempo mais longo e mais rico, nos Evangelhos de Mateus e de Lucas. Quando Maria está grávida, Mateus se demora nos problemas de José, o justo, sobre o sonho que convida José a acolher Maria e a criança que está nela, obra do Espírito Santo. Tudo se encerra com a profecia de Isaías: “Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel” (Is 7,14). Profecia que muito provavelmente tinha amadurecido no inconsciente de José e o tinha orientado a compreender a situação de Maria; vislumbre do inconsciente que, no sono, tornar-se-á palavra do anjo e luz, no coração de José, a iluminar o mistério que está vivendo a jovem Maria. Quando o nascimento encerrar esse tempo da criança no seio da mãe, José dará ao filho o nome que o anjo lhe revelara.

Lucas dá lugar a mais eventos, durante esse período da gravidez de Maria: a Visitação, cheia de alegria e de cantos, dura três meses; depois, com José deixa Nazaré, vai a Belém, encontra refúgio nesse lugar, onde o mistério do Verbo, que se faz homem, será cercado de mais tranquilidade, de menos curiosidade.

No todo, pouco é dito sobre esse tempo em que Jesus se forma no seio de sua mãe. É coisa muito normal porque, então, muito pouco se sabia sobre as influências psicológicas recíprocas, entre a mãe e a criança. Sabia-se que o corpo se formava no seio materno e isso era expresso pelo termo “encarnação”; mas, fugia o aspecto da “humanização” da criança ainda no seio.

Sabemos, agora, da quantidade infinita de influências e trocas entre a mãe e a criança, e também entre o pai e a criança, se o pai vive momentos de intimidade com o filho que espera. Descobrimos que “a humanização” acompanha ‘pari passu’ a encarnação da criança. A mãe e o pai fazem-na entrar em seus afetos e, enquanto cresce seu corpo, desperta também nela a consciência de ser alguém, de receber muito, e também de ter poder sobre o coração, sobre a mente da mãe e do pai.

Quando a mãe a chama, quando estabelece com ela esses diálogos repletos de amor que todas as mães mantêm com o fruto de seu seio, quando coloca suas mãos sobre o ventre para acariciar o nenê, sabe que nela se forma uma pessoa, uma pessoa única: ela entra no universo das vozes, das palavras, dos sentimentos, dos valores. Esse período de nove meses é um tempo único para o desabrochar da personalidade do filho. Nesses meses, já se forma o seu caráter, segundo as relações que os pais têm com ele: paz, serenidade, afeto, preparam o filho a ter fé na vida; enquanto as angústias da mãe, do pai ou do casal terão influências negativas sobre o caráter da criança que herdará insegurança pessoal. A mãe exerce uma importância capital na humanização e na

futura personalidade da criança. Podemos afirmar isso para as relações entre Maria e Jesus. Dizíamos que a encarnação e a humanização caminham ‘pari passu’.

Por sua vez, a criança, mesmo no seio, já tem um grande poder sobre a mãe e a transforma. Há diferença entre uma jovem celibatária e uma jovem que espera uma criança. Não é apenas o corpo que se transforma; o coração e a mente recebem um centro novo, com mil sentimentos e emoções nunca antes experimentados. A jovem que espera uma criança vive um período de grande maturidade humana, é mais responsável, mais desapegada de si, centrada na criança; percebe que sua vocação de mulher atinge sua plenitude. Nesse período, a criança torna-se um tanto a timoneira da mãe. De algum modo, se a mãe traz no ventre a criança, esta, por sua vez, plasma a personalidade da mãe.

Pensar assim de Jesus e de Maria não é apenas lícito, mas é muito humano; é belo, é verdadeiro e nos faz descobrir que ligações nosso Deus tem com a jovem Maria e que ligações quer estabelecer conosco. É um Deus que não somente atrai nosso amor, mas nos dá o seu; dirige-nos para a maior maturidade de nossa pessoa, faz-nos viver uma aventura de amor; em seu seio começamos nossa vida eterna.

A encarnação e a humanização de Jesus tornam-se ícone de nossa própria aventura espiritual: Deus nos traz em seu seio e lentamente nos diviniza.

7- Entre sombras e luzes - 1

Pode ser que pensemos: « Como Maria era Imaculada; como teve essa extraordinária Anunciação e seu filho era o Filho de Deus, tudo deve ter sido muito simples para ela e deve ter vivido uma fé tranquila.»

Estejamos atentos ao fato de Maria viver situações únicas, para as quais não havia modelos precedentes: “tal maternidade, a natureza do filho, esse filho que vinha despojado de sua divindade, apenas sua humanidade era evidente...” Maria está envolta no mistério de Deus, algo sempre maior do que ela; ela não consegue entender. Do ponto de vista humano, isso não é nada confortante.

Não faltavam luzes para que Maria pudesse crer. Era orientada pelo que Gabriel lhe dissera: “Nada é impossível a Deus!” (Lc 1,37). Sim, a Anunciação fora um dia de grande luz, e os títulos do filho tinham sido enunciados, na luz e no coração atento da mãe. Maria tinha a intuição de que Deus a amava; era fortalecida com a presença de Deus: “O Senhor está contigo... O Espírito Santo virá sobre ti... a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”. São palavras fortes a encher de energia o coração de Maria, e depois esse filho que cresce nela e lhe arrebatava o coração; ele tornar-se-á o motor de sua vida. Ela tinha ouvido o nome do menino - “Jesus”, em quem a Carta aos Hebreus reconhece “o autor e realizador de nossa fé” (Hb 12,2).

Mas Deus não age como um anestesista. Maria teve que caminhar valendo-se do caminho obscuro da confiança: Como será o entendimento com José? Como vão reagir os parentes vendo-a grávida? O que ameaça a sua vida? Será colocada à margem da sociedade ou será lapidada? Para Maria não sobrava a não ser ater-se firmemente às palavras de Gabriel: “Nada é impossível a Deus” (Lc 1,37).

« Deus é luz! » (1Jo 1,5). Houve muita luz, no dia da Anunciação; o filho tinha sido percebido por Maria, na grandeza em que Gabriel o apresentara. Esteve de tal modo consciente dessa grandeza que compreendeu e disse que esse filho não podia proceder de um homem. Apesar dessa luz, Maria precisará de toda a sua vida para refletir, rezar e permitir que a Anunciação manifestasse todas as suas potencialidades. Como mãe, Maria sempre terá um olhar atento sobre o filho que a ultrapassa, surpreende, conhecendo mesmo momentos em que ela não o compreende. Simeão fala da criança como “luz das nações, glória de Israel”, mas acrescenta que ele é também “um sinal de contradição... e que uma espada vai atravessar seu coração” de mãe (Lc 2,32-34). O ancião do Templo não diz nada de José, que também estava presente. Maria e José não compreendem. E não compreenderão, outra vez, por ocasião da ida a Jerusalém, quando encontram o filho no Templo: “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). Pois bem, esse Filho do Pai retorna com eles a Nazaré e mergulha, durante 20 anos, numa vida oculta, quase insignificante, mas não tanto, porque será o tempo em que o grande profeta amadurece.

8- Entre sombras e luzes - 2

Se Isabel elogia Maria por sua fé, é justamente porque não se tratava de coisa fácil. E se a Igreja de Lucas mostra Maria como “feliz por ter acreditado”, é para apresentar-nos um modelo de fé, consciente de que a fé não é jamais fácil; custa-nos ter uma fé do tamanho de um grão de mostarda.

Pelo filho prometido, Maria aceitou o risco de perder José, de ser rejeitada pelos seus, de encontrar-se sozinha, sem apoio social, ela que era apenas adolescente, num mundo dominado pelos homens. Ela fora informada da hipótese de lapidação de uma mulher infiel, grávida fora do matrimônio ou quando o matrimônio ainda não fosse consumado. Aqui podemos pensar no que diz Jesus: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Pois bem, por ele, sua mãe arrisca a própria vida. Quando apresentaram a Jesus a mulher adúltera (Jo 8, 2-11), é possível que ele tenha pensado um momento em sua mãe: ele desarma as mãos assassinas, salva a mulher adúltera porque sua mãe tinha corrido o mesmo risco: a virgem, aqui, resgata a adúltera.

Todas essas possibilidades trágicas não perturbam a alegria de Maria, no entanto existem e, com seu peso. Também a Igreja celebra todos os dias seu júbilo, enfrentando situações muito duras. Na realidade, as provações nutrem a alegria da fé.

Isabel louva Maria na dimensão que lhe é específica: a fé. Carlo Carretto escreveu esta frase impressionante: “Para Maria era mais fácil conceber Jesus em seu seio do que concebê-lo na fé”.¹ Para Maria era uma grande alegria ter seu filho entre os braços, mas nada dizia que ele era Deus. Ou ainda, como cantar o Magnificat se os poderosos estão ainda assentados em seus tronos, enquanto os humildes devem fugir, durante a noite, para o Egito, e os inocentes são mortos em Belém? É preciso fé e oração para descobrir que, esse, seu filho que devia morrer, é salvo para trazer aos homens uma salvação definitiva. Os poderosos do momento não foram suficientemente fortes para bloquear o plano de Deus. Jesus não morrerá criança; é preciso que ele cresça, se torne adulto, profeta, Messias; então sim, poderá passar pela paixão, pela morte e ressurreição.² A Palavra enviada pelo Pai não retornará a Ele sem ter produzido o efeito para o qual foi enviada (Is 55,11). Maria fizera a experiência, em seu coração e em seu seio, que Deus escolhe os pequenos. As maravilhas de Deus florescem no meio de um povo de escravos libertos, quanto numa virgem grávida do Salvador.

A fé de Maria se fundamenta nesses fatos, enquanto os poderosos são ainda poderosos, enquanto os ricos continuam a esquecer os pobres, enquanto os reis fazem prevalecer seu poder, e a erva ruim parece mais vidente do que a boa semente. Jesus, seu filho, será vítima deles. E, no entanto, é dele que vai nascer a humanidade nova que Maria canta em seu Magnificat.

¹ Carlo Carretto, *Beata te che hai creduto*, p. 20.

² Carol Carretto, *Beata te che hai creduto*: Ideias colhidas em várias páginas.

Quando Jesus, aos 12 anos, permanece em Jerusalém, Maria descobre a liberdade e a missão de seu filho; por um momento, surpreende-se por isso. Seu amor de mãe é de certo modo questionado; deverá achar um caminho novo, fazer-se amor por esse adolescente tão extraordinário. A liberdade dos filhos precede o dever de obedecerem. Um filho, não alguma coisa que se possui, mas alguém a ser encaminhado na via da liberdade. Essa verdade chega a Maria e a José de um modo tão repentino que eles não a compreendem (Lc 2,48). Maria, no entanto, tem a intuição certa do que crê: ela conserva tudo isso em seu coração; deixa que tudo amadureça no íntimo, na oração e com o tempo. A luz não vai demorar por esclarecer esses momentos de surpresa. Compreender não significa necessariamente crer; mas, é fé verdadeira conservar no coração todas as palavras e os sinais de Deus. A fé reclama um esforço da inteligência. Para Hebreus, o coração era tanto a sede dos sentimentos quanto a sede da sabedoria e da inteligência. Mas trata-se de uma inteligência que opera num clima de confiança, de amor e de oração. A oração é o laboratório da fé.

Depois, Jesus volta a Nazaré e Maria compreende que a liberdade de seu Filho está crescendo. Era o momento, para a mãe, que até então tinha sido a educadora, de passar em segundo lugar e de tornar-se discípula, continuando sua peregrinação na fé, como diz o Vaticano II.³

³ *Lumen Gentium*, nº 58.

9- Entre sombras e luzes - 3

Maria conheceu seus momentos de crescimento na fé. Assim, quando a família parecia estar contra Jesus (Mc 3,20-21 e 31-35), quando as autoridades de seu povo tratavam seu Filho de possesso e tentavam matá-lo, e mesmo em Caná, quando seu Filho lhe responde que ainda não chegara a sua hora. O momento mais grandioso de crescimento na fé, Maria o conheceu ao pé da cruz. Sua fé passou por caminhos estreitos de onde saiu mais forte. Poderíamos supor que crescer na fé seja sinal de imperfeição, quando nada é mais admirável do que uma fé que cresce, porque, então, ela é atenta, viva e enfrenta as dificuldades. A fé de Maria integra alegrias e penas; a espada profetizada por Simeão realmente atravessou o coração da mãe: ela, como seu Filho, tornou-se especialista em sofrimento.

É a fé que, durante a noite, espera pelo dia; e é durante a noite, que é bonito crer no dia. ⁴ A fé não é fácil; não é um saber nem uma percepção intelectual. É mais fácil raciocinar sobre a fé do que ter a fé. Ela é confiança amorosa em Deus. É mais fácil fazer um discurso teológico sobre a fé do que dar verdadeiramente sua vida a Deus. ⁵ Ora, a vida de Maria foi realmente entregue a Deus na totalidade.

Precisamos dar-nos conta de que olhamos de longe os acontecimentos históricos da salvação, depois de dois mil anos de cultura cristã: esses acontecimentos nos foram ensinados quando éramos pequenos, depois os celebramos todos os anos. Mas para Maria não foi assim; ela se via implicada enquanto a história acontecia; ele viveu o drama da encarnação-paixão, como atriz, não como espectadora. Enorme responsabilidade pesava sobre ela. Mas a luz penetrava as sombras; estas não puderam vencer a luz: Maria intuía que estava vivendo uma grande história de amor.

⁴ Ir. Basílio Rueda, *Um novo espaço para Maria*, 1976.

⁵ Carlo Carretto, *Beata te che hai creduto*, p. 20.

10- Encarnação e humanização

Nós somos mais inclinados a ver a Encarnação do Verbo do que fixar nossa atenção sobre a humanização do Verbo. Conduz-nos a isso o Prólogo de João que diz que “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14), o que Paulo chama de “kénose” e canta no hino da carta aos Filipenses, 2,6-11: “Ele aniquilou-se a si mesmo... e assumiu a semelhança humana”.

A Encarnação e a humanização, habitualmente, vão juntas e formam um todo inseparável na pessoa. Lucas faz adivinhá-lo quando fala do crescimento do menino Jesus: “Entretanto, o menino **crecia, tornava-se robusto** e enchia-se de sabedoria” (Lc 2,40). O corpo cresce e se torna robusto enquanto o espírito se enche de sabedoria. Aqui Lucas sublinha mais o crescimento físico: ele **crecia**, ele se fortificava. Quando, novamente, pousará seu olhar sobre o menino que retorna do Templo, aos 12 anos, o evangelista vai insistir mais sobre o aspecto psicológico e espiritual: “Quanto a Jesus, **ele crecia em sabedoria**, em estatura, **em graça, diante de Deus** e diante dos homens” (Lc 2,52).

A Encarnação é o fato pelo qual o Filho de Deus assume um corpo, se reveste de carne. Nesse termo domina o aspecto biológico e físico. Ele vai passar nove meses no seio de sua mãe, e como dirá Paulo: “Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido da mulher!” Ainda que tudo isso seja dotado dos valores da salvação, o olhar se firma sobre o fato de que o Verbo assume um corpo. Esse corpo terá necessidade de ser alimentado, de ser conservado em boa saúde, deverá crescer na estatura do homem adulto, até a plenitude do corpo que será exposto na cruz. Não há homem sem encarnação, sem corpo.

A humanização do Verbo inclui toda a contribuição afetiva e educativa que Maria e José vão assegurar ao menino. É um trabalho delicado e longo feito. Para ser homem é preciso ser amado, é preciso ser educado. Maria e José vão socializar o menino Jesus. Transmitem-lhe os valores, as orações, os ritos do povo judeu. É pela mãe e pelo pai que a cultura do povo de Deus toma lugar e cresce no coração e na inteligência do menino. É necessário receber muito para tornar-se homem. E frequentemente o homem adulto desconsidera a capacidade educativa dos pais, como reza o refrão: “Tal pai, tal filho!” Muitos admiram Jesus; o evangelho de Marcos ressoa de uma admiração à outra; de um louvor a outro, de uma pergunta à outra: “Mas, quem é esse homem?” Por trás do grande equilíbrio psicológico de Jesus, escondem-se os mil conselhos de Maria e de José, os mil momentos vividos juntos, os tempos de oração. Jesus cresceu escutando e olhando seus próprios pais. Devemos muita gratidão a Maria e a José. Na dimensão humana, eles fizeram crescer Jesus para que ele fosse apto a ser o profeta que conhecemos.

Para sermos mais conscientes do que Maria e José deram ao menino, poderíamos observar nosso próprio caso: quantos momentos de vida partilhada, de explicações para compreender, leituras, viagens, cursos, palavras ouvidas, quantos encontros celebramos juntos para sermos o adulto que somos. Para realizar nossa imagem de adulto foram precisos milhões de toques de pincel, cada dia contribuindo com sua parcela, cada dia modificando ligeiramente alguma nuance em nós. Os formadores conhecem a paciência que é necessária para fazer crescer uma pessoa.

Jesus não cresceu como efeito de um toque de varinha mágica, nem com a afirmação muito fácil de que ele era Deus. Foi preciso que sua humanidade se tornasse totalmente receptiva à divindade. É verdade que no humano ele é também obra do Espírito. Jesus sempre terá em si a plenitude do Espírito; mesmo assim, será preciso que sua humanidade se torne como apta a tudo isso.

Não podemos negar a Maria e a José seu trabalho de pais em relação a Jesus. Se Marcos denomina Jesus de “o carpinteiro” (Mc 6,3), é porque alguém, José, lhe ensinou esse ofício. Maria, a mãe, esteve implicada na encarnação e na humanização de seu filho. A humanização de Jesus começou com o primeiro ato de amor da mãe, quando falava à criança que trazia em seu seio, acariciava-a, repetindo seu nome.

A encarnação e a humanização de Jesus nos conduzem à gratidão para com Maria e José, mas, igualmente, à pergunta: como é que a humanização de Jesus se está processando em nós? Como somos nós atingidos pelo amor de José e de Maria a Jesus, ou pela ação educativa deles junto a Jesus?

11- A palavra e o silêncio

Uma reflexão chamou-me a atenção no missal « Prions en Eglise » (nossa *Liturgia diária*) relativo ao evangelho de 1º de janeiro, solenidade de Maria, Mãe de Deus. O evangelho tratava da visita dos pastores e terminava praticamente com a imagem de Maria que tudo guardava em seu coração.

De uma parte, os pastores dizem a todos quantos querem escutá-los tudo o que os anjos lhes tinham anunciado: que nasceu o Salvador, esse Salvador é Cristo e Senhor, e ainda a grande glória de Deus e a paz dos homens, cantadas nos céus pelos anjos. O papel deles era de falar, de publicar a Boa-nova, de adiantar-se à voz de Pedro, de Paulo e dos missionários em geral.

De outra parte, como em contraponto, Maria escuta, acolhe, conserva em seu coração, vive no silêncio interior. Ela medita a palavra e vive da palavra. Ela é a pessoa da interioridade, da intimidade com seu Filho, com Deus. No coração a palavra amadurece e ilumina.

Eis os dois tempos de todo fiel: anunciar Deus, falar, dizer o que a gente ouviu, o que a gente descobriu. Tão indispensável é o silêncio, o encontro pessoal com Deus, no segredo do quarto interior onde somente o Pai enxerga. Esse tempo de intimidade com Deus é ainda mais necessário do que a palavra; nessa intimidade a palavra ganha força, convicção, luminosidade. Somente depois, ela pode ser dita aos outros.

Mas, Maria soube ser palavra pronunciada, ela soube ser apóstola. A Visitação é a primeira missão cristã; pela primeira vez Jesus era levado pelos caminhos dos homens, numa família. Nessa família, pela primeira vez, o filho de Maria é reconhecido como o

Senhor, e mesmo no possessivo: “*Meu Senhor*”. É depois disso que Maria canta o Magnificat: o primeiro hino a Deus de todo o Novo Testamento. Maria é missão, palavra e silêncio.

12- Maria vista por São João

O evangelho de João dá uma imagem ainda mais luminosa da fé de Maria. Por ocasião do primeiro sinal, em Caná, João apresenta Maria como o modelo de mulher que crê. Quando Jesus lhe diz: “Mulher, o que há entre mim e ti?” Ele provoca a fé de sua mãe que desponta plenamente, quando Maria diz aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser!” E essa fé da mãe passa para os discípulos: “Eles viram a glória manifestada por Jesus e creram nele” (cf. Jo 2, 11). E, desde então, essa fé peregrina, de discípulo em discípulo, veio acender nossa própria fé. Em nossa fé brilha a de Maria.

Todos os sinais, em João, requerem a fé. Eles formam uma espécie de quiasma em **V**, onde, na primeira metade da letra, a fé – iniciada em Maria – vem diminuindo de sinal em sinal. O paralítico do capítulo quinto não tem fé em Jesus; muitos discípulos, no capítulo sexto, abandonam a Jesus. Sua fé se torna negativa, ruptura, abandono; Jesus é ocasião de escândalo, e o evangelista faz aqui a primeira alusão a Judas, o traidor. A fé negativa atingirá toda sua força na traição de Judas: ela quer e obtém a morte de Jesus. Contrariamente a Judas que se contenta com 30 moedas de prata para vender seu Mestre, encontramos Nicodemos que tira da cruz o corpo do Senhor, depois compra para seu Mestre mais de 30 kg de aromas. O traidor vende seu Mestre e faz dinheiro. O discípulo fiel gasta dinheiro em favor de seu Mestre.

Na segunda metade da letra **V**, a fé se revela sempre mais forte; Pedro no capítulo sexto dirá: “A quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6, 68-69). Depois o cego de nascimento, no capítulo nono, se prostra diante de Jesus dizendo: “Creio, Senhor” (Jo 9, 38). Em seguida, a súplica de Marta e de Maria, por ocasião da ressurreição de Lázaro, no capítulo onze. Mas a pureza absoluta é atingida na Cruz, pelo discípulo amado e pela mãe: é uma fé-fidelidade, aconteça o que acontecer, alimentada sem dúvida pelo amor daquele que amou até o fim.

Assim a fé de Maria e sua presença materna formam a inclusão do evangelho de João. Maria é a mãe de Jesus, mas para nós, ela é também o grande exemplo de fé. “Ela é a mulher de fé, o modelo de fé”.⁶ Sua fé foi a chama que acendeu a fé dos discípulos, e a luz dessa fé ilumina também o caminho de nossa fé. A presença de Maria, no Calvário, ampara a fé de todos os discípulos que vivem momentos de escuridão e de morte.

⁶ Carlo Carretto, *Beata te che hai creduto*, p. 20.

13- A Fé no momento da Cruz

É por demais conhecida a cena do Evangelho de João que apresenta Maria aos pés da Cruz: *Junto à cruz de Jesus, estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena. Vendo sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, Jesus disse à sua mãe: "Mulher, eis aí o teu filho." Depois disse ao discípulo: "Eis a tua mãe." E, desde aquela hora, o discípulo a levou para casa.* (João 19,25-27).

Como uma mãe pode estar lá, naquele lugar terrível onde sofre e morre o seu único filho, a quem ela ama e que é todo o sentido de sua vida? Instinto materno, lealdade de mãe, sem dúvida, mesmo se ela não pode fazer nada para ajudar seu Filho; ela é impotente como ele, também ela é tragada pela morte.

Que fé foi capaz de vir em auxílio de Maria neste momento de agonia e morte do Filho? É fé que se chama amor, fidelidade, íntimo conhecimento do Filho, fé que precede a visão e que, no entanto, também já viu, fé que deixa amadurecer no seu coração tudo o que diz respeito ao Filho. Mais e melhor do que Paulo ela pode dizer: "Já não sou eu que vivo, mas é o Filho que vive em mim" (Gl 2,20). Desde o início ela deixou-se invadir pelo Filho, a sua vida se tinha tornado espaço de Cristo.

São-nos familiares, essas obras de arte que representam Maria, tendo seu Filho morto nos braços. São as *Pietà*, sendo a mais famosa a de Michelangelo, à direita, na entrada da Basílica de São Pedro. O sentido primeiro da palavra latina *pietas* foi o de lealdade dos soldados até à morte. Assim, o primeiro significado de Maria com Jesus morto nos seus braços é a fidelidade da mãe até à morte. Maria foi fiel até o fim.

A fé de Maria, na hora em que o Filho morre, exprime-se num ambiente hostil. É só injustiça, ódio, desprezo, zombaria, indiferença de muitos, o corpo do Filho exposto nu, a solidão profunda de Jesus e sua mãe. Quem compreendia o sacrifício? Os discípulos mais próximos tinham fugido, escondidos, por detrás dos muros. Agora que Jesus tem suas mãos pregadas, os chefes do povo lembram-lhe os seus milagres e gritam-lhe para descer da cruz. É a condição que eles lhe propõem para acreditar: "Desce da cruz e acreditaremos em ti." (Mc 15,32). E escarnecem dele (Lc 23,35).

Maria não pede nenhum sinal, ela é presença, lealdade, e silêncio. Ela olha para o seu Filho e vem-lhe à memória a descrição que Isaías fizera do Servo Sofredor: "Ele não tinha nem aspecto tal como notamos, nem aparência como queríamos. Ele foi desprezado e ignorado pelos homens, homem das dores e experimentado no sofrimento, como aquele diante de quem se esconde o rosto." (Is 53,2-3). Há quanto tempo ela comparava esse retrato do Messias com os anúncios da paixão que seu Filho tinha multiplicado? O que havia no grande santuário do coração da Mãe para que a fé tenha mantido viva a sua chama? Os anúncios velados da ressurreição? "O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e eles vão matá-lo, mas ao terceiro dia ressuscitará." (Mt 17,22-23). Teria ela sabido o que Jesus dissera a Marta momentos antes da ressurreição de Lázaro: "Eu sou a ressurreição e a vida"? É certo que Maria não entendia tudo; mas ela costumava decantar em seu coração, em sua oração, as palavras do Filho que ela não compreendia.

E ainda havia o silêncio no céu, o silêncio do Pai. A fé de Maria devia acolher esse silêncio. Deus tinha tomado o caminho do silêncio e da impotência; o Pai e o Espírito punham os pés nas pegadas do Filho. Jesus tinha dito: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30). No Calvário, o Pai também pode dizer: "O Filho e eu somos um." O Filho deseja ser desprovido do poder humano; o Pai também se faz impotente do poder humano; o Espírito não deseja o poder humano que tende a impressionar e a vingarse. Deus tomara o caminho do amor absoluto, iria revelar-se amor absoluto, a cruz é o auge do amor absoluto.

Maria também é a impotência, silêncio, mas em comunhão com o amor absoluto de seu Filho. Ela está presente e o Filho pode dizer-lhe: "Mulher, eis aí o teu filho!", anúncio de uma grande primavera, sinal velado da ressurreição.

Considerando o dom do discípulo amado, São Bernardo fez esta reflexão surpreendente: "Que troca terrível. Mãe, João é-lhe dado no lugar de Jesus; o servo no lugar do Senhor, o discípulo no lugar do Mestre; o filho de Zebedeu, no lugar do Filho de Deus, um simples homem, em vez do verdadeiro Deus..." (Ofício das Leituras de 15 de Setembro). É assim mesmo! E, no entanto, o discípulo amado, os discípulos queridos, somos invadidos pela presença do Filho, pela santidade do Filho, pelo Seu Espírito. Maria tem um único Filho, Jesus, os outros filhos são filhos no Filho. Não estamos diante de uma perda da maternidade de Maria, mas diante de uma ampliação sem limites.

Maria revive a fé da Anunciação, de novo uma misteriosa maternidade se abre nela. Maria intui que o seu coração e o seu seio renascem quando Jesus lhe diz: "Mulher, eis aí o teu filho!" A maternidade da Anunciação experimenta uma nova primavera. A resposta de Maria ao Anjo Gabriel não perdeu a validade: "Eis aqui a serva do Senhor. Que aconteça em mim como Tu disseste" (Lc 1,38). Mas agora já não é Gabriel quem fala, mas é o Filho quem faz seu testamento.

14- Em Maria, uma fé com numerosas facetas - 1

Os aspectos da fé de Maria são numerosos: ela é mãe e é serva, ela confia e permanece fiel; faz-se missionária e permanece perto de nós; mulher de interioridade, ela vive no santuário de seu coração; é habitada pela Palavra e se nutre da Palavra; é habitada pelo Verbo, iluminada pela criança que gesta em seu seio; ela, que acreditou sem ter visto, reza na Igreja e desaparece na Igreja.

- 1- *Fé e disponibilidade*: Quando Maria é chamada, ela se mostra muito *disponível*. Diz-se serva, e toda sua vida se torna espaço para a criança que germina em seu seio. Mas é uma serva-mãe que se doa com toda generosidade e com as nuances que conhece o amor maternal. Maria põe à disposição de Jesus uma generosidade sem limites: inteligência, coração, corpo; hoje, amanhã, sempre; na alegria do Natal, na fuga para o Egito, no cotidiano trivial de Nazaré, tão demorado e tão simples, e na imensa dor da morte do Filho. Essa disponibilidade é essencialmente *amor*. Trata-se de uma disponibilidade humilde, de servidora, no sentido mais bíblico da palavra “servo-serva”, na nobreza que os anawim, os humildes de Deus, lhe tinham dado.

- 2- *Fé e confiança*: Maria vive uma fé que é *confiança*. Ela não concebe todo o caminho que terá de percorrer, mas se Deus lhe diz: “Estou contigo! O Espírito Santo virá sobre ti! A força do Altíssimo te cobrirá”, então confia plenamente em Deus e abraça o caminho da aventura do Messias que vem. O cardeal Ângelo Comastri, quando ainda era arcebispo de Loreto, assim via o sim de Maria:

« Quando diz sim, Maria não pede a Deus o plano de viagem, para saber do roteiro e avaliar as dificuldades.
Sua fé é um sim pronunciado, com os olhos em Deus, e abandono cego à bondade que brilhava nesses olhos.»

- 3- *Uma fé vigilante*: Maria é como uma mulher que deixa a porta de sua casa sempre aberta para que todos os mensageiros de Deus possam entrar. Ela é constantemente evangelizada, por Gabriel, por José, por Isabel, pelos pastores, os magos e, no Templo, por Simeão e Ana. Ela espreita as primeiras palavras de Jesus: “Não sabíeis que devia ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2, 49), e conserva-as em seu coração. É uma fé humilde, atenta, em crescimento, que vai de surpresa em surpresa, sob as moções do Espírito. Maria precede a todas as nossas experiências de fé. Como para nós, também para ela, Jesus é um homem sempre novo; suas palavras abrem horizontes novos; ele surpreende, assusta, sacode, não permite que a fé adormeça e opta por esse caminho estranho do Calvário, tão contrário à natureza humana e ao coração de mãe, mas tão de acordo com a sabedoria de Deus. No Calvário, Maria não está

ausente; está de pé, junto à cruz do Filho. Segue o caminho do Filho, vive a fé daquela que tudo entregou ao Filho, a fé daquela que nos deu o Filho, a fé no Filho que se despoja de tudo e se faz dom total. É uma lógica que surpreende os cálculos de nossa razão; é a lógica de Deus.

15- Em Maria, uma fé com numerosas facetas - 2

- 4- *Uma fé vivida no coração:* A fé de Maria é como uma planta cultivada no coração. Cresce à sombra da reflexão e da oração; é conservada todos os dias, toda a vida. Torna-se a luz que ilumina os dois primeiros capítulos do evangelho de Lucas. A Anunciação foi um dia de fogo. Maria cultiva esse fogo no coração, durante toda sua vida, e torna-se luz a iluminar a nossa fé. O coração que conserva tudo o que se diz de Jesus, e tudo o que o Mestre diz torna-se o laboratório da fé: “Maria guardava cuidadosamente todas essas coisas, meditando-as no coração. E sua mãe guardava a lembrança de todos esses fatos no coração” (Lc 2,19 e 51).
- 5- *A fé e a palavra:* O Magnificat é um tecido de reminiscências do Antigo Testamento. Aí encontramos uma nova riqueza do coração de Maria: ele está cheio da palavra de Deus, vive a palavra de Deus. A fé se fortalece graças à familiaridade com a palavra de Deus; ela é esclarecida, despertada, nutrida e audaciosa. A palavra de Deus constituía o essencial da oração de Maria e exprimia sua fé. A Exortação apostólica *Verbum Domini*, observando a fé de Maria, diz: “... É preciso olhar lá onde a reciprocidade entre a Palavra de Deus e a fé se verificou perfeitamente, isto é, em Maria, que com seu sim à Palavra da Aliança e à sua missão, cumpriu perfeitamente a vocação divina da humanidade... Maria, da Anunciação ao Pentecostes, apresenta-se a nós como a mulher totalmente disponível à vontade de Deus... Virgem da escuta, ela vive em perfeito acordo com a palavra de Deus. »⁷
- 6- *Fé e solidariedade:* Maria retoma os salmos de seus antepassados e vive em comunhão com a fé dos seus; é fé que nasce no interior da comunhão dos santos. Não se trata de uma fé solitária; é antes uma caminhada com todos os pobres de Deus, sob a luz a Palavra. O Magnificat é um resumo da história do povo de Deus. Essa história parte de Abraão, que recebera as promessas, e chega a Maria, a seu filho que realiza todas as promessas. No entanto, Maria percorre todas as gerações, vendo-as involucradas na misericórdia de Deus. Maria se manifesta assim fortemente enraizada em seu povo, na aventura de seu povo. Contemplando essa mulher plena da palavra de Deus e já habitada pela Palavra, a Exortação apostólica *Verbum Domini* diz: “A Igreja deve estar como dentro da palavra, para deixar-se proteger e nutrir, como se fosse um seio materno. Segundo o exemplo da Virgem Maria, *Virgo Audiens...*”⁸

Isso não significa apenas solidariedade com a oração de seu povo; em Caná, vemos que Maria se faz solidária com todos os nossos problemas. A fé-solidariedade de Maria lança raízes na história de seu povo e no presente dos homens. Assim, em nosso tempo, adivinhamos Maria próxima de nós.

⁷ Exortação apostólica *Verbum Domini*, de 11 de novembro de 2010.

⁸ Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de 11 de novembro de 2010, art. 79.

Ao mesmo tempo a fé de Maria é como que carregada pela fé de seu povo: a fé é também um dom da comunidade dos crentes. Quando Maria recorda Deus, fiel de geração em geração, de certo modo ela evoca a fé dos seus. Ela também vive a fé dos anawim. Nela está presente a fé dos profetas, a fé de Davi, o grande ancestral do Messias.

Maria não vive somente da fé daqueles que a precederam, mas a fé de José abre para Maria o caminho de uma maternidade bem sucedida. Por sua fé, por sua disponibilidade, José salva Maria e o filho que ela trazia; ele garante o futuro do filho e da mãe. A fé está viva na comunhão dos santos. Maria não é apenas uma grande fonte de graças, mas também recebe de muitos outros: de José, de Isabel, de Zacarias, dos pastores, dos magos, de Simeão e Ana... e mais tarde, dos apóstolos e, sobretudo, do discípulo amado e daqueles que, no Cenáculo, rezam com ela. Maria é como uma grande encruzilhada da fé, onde desabrocha a fé dos antigos, daqueles que vêm com ela, e donde brotam exemplos extraordinários de fé para os futuros discípulos.

16- Em Maria, uma fé com numerosas facetas - 3

7- *A fé e a alegria:* Há também um aspecto alegre na fé de Maria que lhe permite de não ver demais os perigos e de não viver o futuro de modo angustiado. Essa alegria explode no Magnificat e nos revela o clima interior de Maria: a alegria que lhe trazia o menino nascituro era maior do que a inquietude dos perigos reais que pesavam sobre ela. Jesus não era apenas fonte de problemas para Maria, mas, muito mais, fonte de paz, de força e de júbilo. A fé não é uma aventura solitária. Aquele em quem cremos está conosco, e para Maria isso era evidente no filho que trazia. A epístola aos Hebreus dirá de Jesus que “ele vai à frente de nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,2). A primeira saudação de Gabriel ressoara claramente ao ouvido de Maria: “Alegra-te!”. Constatamos que a fé jubilosa de Maria ilumina os dois primeiros capítulos do evangelho do Lucas. Esses capítulos estão repletos de cantos de alegria. Isabel inaugura a série, e segue o do Magnificat, o de Zacarias, o dos anjos na noite de Natal (Lc 2, 11), o de Simeão e de Ana no dia da Apresentação do menino ao Templo. A alegria vem do céu e se espalha sobre a terra. É a alegria dos tempos messiânicos.

8- *Fé e fidelidade:* Em Maria, a fé é também fidelidade. Esta acompanha toda a vida de Maria. Jesus está na companhia de sua mãe desde sua concepção, depois em sua infância, adolescência e quando amadurece nele o chamado profético, sua vocação a ser o Messias. Maria estará presente no primeiro sinal de Caná e no último, da Cruz. Vai morar com o discípulo amado e vamos encontrá-la em oração com o primeiro grupo daqueles que creem em seu Filho. Vemos que é vida totalmente entregue. A fidelidade é um dos pilares da fé.

9- *Fé e missão:* A fé também se mede na missão: o tesouro deve ser levado e oferecido, a luz acesa para que ilumine a casa, o perfume deve ser derramado para que inunde a sala do festim. A Visitação nos propõe exatamente uma mãe em missão; podemos dizer com certeza que a ida de Maria para as montanhas da Judeia constitui a primeira missão cristã: Maria carrega o filho pelas estradas do mundo, o introduz na família de Zacarias que será a primeira família cristã, pois Isabel dirá de Maria e de seu Filho: “Como mereço que a mãe de meu Senhor me venha visitar?” (Lc 1, 43). Caná é outro momento da missão de Maria; ela anima seu Filho a dar-se a conhecer, a revelar sua glória, de modo que desperte a fé dos discípulos. A fé da mãe acende a dos discípulos. A fé da mãe é contagiosa. A fé de Maria inclui a assunção dos problemas humanos; é uma fé humana, enraizada na vida: “Eles não têm mais vinho!” (Jo 2, 3). Ela olha para Cristo, mas olha também para os outros. Maria está também em missão quando, na família, se diz que Jesus perdeu o espírito. Ela se põe à frente dos seus familiares e leva-os a seu Filho: o encontro com o Filho vai produzir a luz. No primeiro grupo dos discípulos que aguardam o Espírito, estão também os irmãos de Jesus; vão passar do escândalo à fé.

10- *A fé e seus frutos: « A árvore se conhece pelos frutos »* (Lc 6,43). Ora, Maria deu ao mundo o Fruto da Vida e ela foi a primeira a amar a Deus, em carne humana. Esse amor da mãe consistiu em tomar cuidado do filho, em viver com ele, em nutri-lo, salvá-lo, educá-lo, iniciá-lo à oração e à vida de seu povo, e a proporcionar-lhe espaços de liberdade. Essa fé inclui também todo o sofrimento inerente à maternidade, não somente no nascimento, mas em todas as angústias que uma mãe precisa afrontar para conduzir seu filho à plena maturidade. Quando essa vida se torna dramática e mais ameaçada, a mãe está ainda mais presente: “De pé, junto à cruz de Jesus, estava sua mãe” (Jo 19, 25). O capítulo 25 de Mateus revela um Rei pobre, que sente fome, sede e é aprisionado... Jesus não diz que ele é o amigo do pobre, daquele que passa fome... mas, diz que ele tem fome, que está doente e aprisionado. O homem e seu Senhor estão doentes juntos, estão na prisão, porque fazem apenas um... Maria amou e salvou um filho desarmado e que se desejava morto. Ela o iniciou ao nosso linguajar e à nossa sabedoria; ele amparou seus primeiros passos vacilantes. A fé de Maria é repleta de amor: Jesus se torna o centro absoluto de sua vida. Em todas as nuances da fé de Maria, o amor está presente. A fé não é uma noção, mas uma paixão concreta, prática.

17- Caminhar com os imprevistos de Deus - 1

Maria experimentou na sua vida uma sucessão de imprevistos que a confrontaram com o projeto de salvação de Deus, projeto escondido desde sempre. Cada imprevisto colocava-a diante de um rumo inesperado e muitas vezes doloroso na sua vida. No inesperado havia sempre um apelo a uma vida de horizontes mais vastos. Ela sabe que é amada por Deus e chamada a fazer-Lhe confiança. Vemos também Maria a lançar mão das suas qualidades humanas e espirituais para responder às surpresas de Deus. Nesse ponto, ela está perto de nós, a nossa vida também está cheia de incógnitas e surpresas, no mundo do trabalho, da saúde, dos laços familiares; essas incógnitas podem tornar-se vias de ressurreição.

Todas as contingências da vida da Virgem Maria provêm de Jesus. Ela tinha um projeto de vida normal, de amor humano com o jovem José. Já é sua noiva quando recebe a visita de Gabriel. Estava longe de esperar a mensagem que vem do céu e de adivinhar aquele filho sem igual, que lhe era oferecido como Dom. As primeiras palavras do Gabriel: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo," perturbam a jovem Maria, ela adivinha que a salvação está cheia de incógnitas e estas incógnitas exigem reorientar a sua vida para um futuro envolto em mistério. Mesmo depois de dizer: "Eis a serva do Senhor", ela se depara com situações incertas, "Como vai reagir José? Como é que vai reagir a sua família? Como é que vai olhar para ela a gente de Nazaré?"

Além disso, ela nunca pensou ter de partir imediatamente para Belém: assim o quer o imperador Augusto, mas também José, e principalmente Deus. É certo que Maria, uma jovem mãe, sonhava com um parto em condições para o seu filho, mas ele vai nascer numa gruta, será visitado por pastores pobres, e por sábios vindos de longe e deixando após si o perfume do Oriente. Se, em Jerusalém, Herodes ficou perturbado, em Belém, a jovem Maria também ficou completamente surpreendida.

Vem depois a subida ao Templo para apresentar o seu filho "primogênito". Começa tudo muito bem. O velho Simeão tece louvores ao Menino com títulos de prestígio: o Messias, a salvação preparada diante das nações, a luz para todos os povos, a glória de Israel. Os olhos de Maria estão em cima Simeão, densamente habitado pelo Espírito. De repente, tudo escureceu: a criança vai ser um sinal de contradição, será escândalo para muitos, e à mãe é anunciada uma espada, uma espada que lhe trespassará o coração!

Terminada a Apresentação da criança, Maria, a jovem camponesa de Nazaré, ouve José que lhe diz: "Herodes quer matar a criança. Temos que fugir para o Egipto." É um grande imprevisto para essa pequena família: ter de fugir pelas estradas do exílio com tudo o quem isso implica de pressa, de ansiedade e de vida difícil. É o menino que está na origem de tudo isso, e por ele vivem! Ele tinha encantado e enchido a alma deles a partir da Anunciação: ele tornou-se o tesouro de sua vida. Mas desde aquele anúncio, Maria ficou sabendo que Deus é imprevisível e teve de saltar de surpresa em surpresa. Mas, ela tinha certeza de que Deus a amava.

18- Caminhar com os imprevistos de Deus - 2

Depois da volta do Egito, seguiram-se dias tranquilos; o menino crescia forte e saudável. Com os seus doze anos, chegou a hora de sua primeira peregrinação a Jerusalém, por ocasião da Páscoa. A Sagrada Família passou uma semana de alegria na cidade santa, cantando no templo salmos ancestrais, salmos de louvor, entre nuvens de incenso. De regresso dão-se conta de que Jesus não está com eles, nem tampouco com os parentes. A alma esmagada pela angústia, começam a procurá-lo. Como é que Maria poderia ter imaginado uma coisa assim? Ela sente que a espada penetra, impiedosa; ela considera-se responsável, ela é a mãe que perdeu seu filho, e que Filho! Maria e José vivem a Paixão antes de todos os cristãos: três dias sem o seu Senhor, três dias sem seu filho, três dias em Jerusalém, e exatamente no tempo da Páscoa. E quando o encontram já não é seu filho, mas o Filho do Eterno Pai: "Não sabiam que eu tenho de estar com as coisas de meu Pai?" O menino Jesus começa a distanciar-se da sua família da terra. Trata-se de uma verdadeira revolução no coração da mãe, ela já adivinha que, um dia, ele afastar-se-á para ser o profeta, o irmão de todos numa família universal. No entanto, o adolescente desce com eles para Nazaré. Seguem-se longos anos de paz. Maria vê crescer o profeta. As suas palavras são únicas, brilhantes, e para com sua mãe tem sentimentos profundamente humanos. Ela tem a intuição que ele vai seduzir as multidões, que muitos o vão aclamar, e muitos outros virão ter com ele, expondo-lhe as suas feridas; será suficiente tocar a orla do seu manto para ser curado no corpo e receber uma alma que cante o *Magnificat*.

É isso mesmo o que vai acontecer; no entanto, tudo vai acabar no Calvário: ele na cruz, nu, pregado, escarnecido, a morrer, com o grito misterioso: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" E ele morreu, enquanto ela continua o salmo apenas iniciado. Além disso, um pouco antes, ele havia derramado no seu coração uma maternidade sem fronteiras, em favor de todos os seus discípulos; uma maternidade à altura do inesperado de Deus: "Mulher, eis aí o teu filho!" "Quem teria pensado que o dia luminoso da Anunciação, que a luz do mundo atingisse o Calvário, ou que a maternidade de Maria extravazasse do Filho para os filhos?"

Não é fácil caminhar com esse Deus imprevisível. É preciso ter um coração completamente despojado, imensamente confiante na vontade do Pai. Não é um Deus distante, Ele faz escolhas muito contrárias à nossa natureza: Ele também está no seu Filho, pregado, indefeso; Ele também optou por deixar-se submergir pela maldade do homem para nos envolver a todos no perdão da sua misericórdia. Ele é o Deus do inesperado, Ele conduz os seus por caminhos impensáveis. Bem que Ele tinha dito que era preciso ir a Ele por caminhos estreitos.

Maria caminhou através de todas essas contingências. Sem dúvida, ela ouviu Gabriel dizer-lhe duas vezes: "O Senhor está contigo. Não tenhas medo, Maria." Ela entendeu perfeitamente que a saudação do anjo era antes de tudo amor, depois força, depois fidelidade: Deus estava com ela, por sobre ela, nela. Ela deu uma resposta de amor ao

amor de Deus: "Eu sou a serva do Senhor". Mas na sua resposta, que durou uma vida inteira, também encontramos qualidades tipicamente humanas. O primeiro é sua necessidade de compreender, um esforço de inteligência para ver claro: entender a saudação de Gabriel; depois, tudo o que é dito sobre o menino; em seguida, guardar no coração o que não se entendeu de imediato. Maria é uma mulher inteligente. Ao mesmo tempo, é mulher de interioridade, de reflexão, de maturidade; ela vive muito no santuário do coração, onde nasce a luz, onde a lealdade se torna um hábito. Maria é também a mulher que, de imediato, afinou pelo diapasão de Deus. O *Magnificat* revela a mulher que logo intuiu as preferências do Filho: os humildes, os famintos. Ela está sintonizada no mesmo comprimento de onda das nossas necessidades humanas; ela alerta o Filho, quando o vinho se esgota na festa do amor.

Nós também respondemos ao inesperado com tudo o que somos, com as qualidades que estão em nós, com a profundidade humana que levamos dentro de nós. Maria não evitou o inesperado; enfrentou-o, primeiro porque o seu coração estava inundado pelo Filho - é o amor que faz andar por caminhos difíceis. Nós também enfrentamos os desafios da vida, ao ritmo das pulsações do coração, dentro do nosso peito. As escolhas de Maria abriram muitas vezes o caminho do Filho. Com ele, caminhou de inesperado em inesperado, rumo à ressurreição, dia imprevisível, mas, anunciado.

19 – A fé de uma peregrina

Somos um povo peregrino rumo à pátria; é a fé que nos anima e nos torna insatisfeitos com a nossa terra – por bela que seja – e com a nossa vida aqui na terra, muito embora cheia de momentos de alegria. Abraão é a cabeça dessa humanidade em marcha, dessa humanidade que não se contenta com uma vida mortal. O capítulo XI da Carta aos Hebreus centra-se sobre a fé dos nossos antepassados, povo de caminhantes em direção a uma pátria estável. “Pela fé, respondendo ao chamamento, Abraão obedeceu e foi para um país que ele devia receber em herança, e partiu sem saber para onde ia”(Hb 11,8).

Bem no centro desse povo em marcha, juntando aos nossos os seus passos, está Maria, a Mãe de Deus, a Mãe de todos os discípulos. O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 8, 58, escreve: "Assim, a bem-aventurada Virgem Maria avançou na sua peregrinação de fé". Os padres do Concílio veem Maria em marcha, nessa peregrinação especial que é a peregrinação da fé. Será que os padres do Concílio queriam dizer que Maria também teve momentos de hesitação, de fraqueza, dos quais teve de se arrepender?

Não! Mas eles reconhecem que Maria, ao longo da sua vida, passou por desafios que, de certo modo, renovavam sua fé. Maria não viveu de uma fé estagnada, mas de uma fé que corria límpida e que crescia à medida que se aproximava do Calvário. Ela não viveu uma fé fácil, porque ela se deparou com incógnitas e com realidades dolorosas. Os imprevistos - todos por causa do menino que ela tinha recebido e ao qual se devotou completamente - foram muito numerosos, a começar pela própria Anunciação que não constava da sua agenda. Maria permaneceu aberta às surpresas de Deus e cada uma delas constituía um desafio à sua fé: o nascimento do menino numa gruta, a espada que iria trespassar o seu coração, a fuga para o Egito, a perda do menino Jesus no Templo, a crescente hostilidade na família e especialmente entre os chefes do povo e depois a caminhada para a catástrofe do Calvário. A vida da jovem Maria foi um amontoado de obstáculos, mas ela permaneceu fiel. João, em Caná como arquétipo, apresenta Maria como o modelo da fé. Mas, permanecer de pé junto à cruz do Filho revela uma fé muito maior: a lealdade da Mãe, que acredita na bondade e no incrível poder de seu Filho; ela acredita no meio da debandada geral; ela crê no Filho humilhado, espancado, morto, e tem a intuição de que a salvação passa pela morte. É um momento de imensa dor, mas ela fica junto à cruz, ela permanece e é um com o Filho; ela é atravessada pelo sofrimento do Filho.

O que Maria precisa viver exige uma fé mais forte do que a nossa, uma fé que penetre no mistério. É verdade que Deus se lhe tinha manifestado de uma forma única; e única foi a sua experiência de Deus: Deus com ela, Deus por sobre ela, Deus nela, - ela, "a cheia de graça". Seu Filho dirá: "muito será pedido a quem muito recebeu!" E

Maria recebeu bem mais do que todos nós; é por isso que os caminhos da fé e do amor, por ela percorridos, também são muito mais árduos; no entanto, ela os percorreu.

A canção que segue - “Peregrina na fé”, de Amelio Cimini, pincel de Maria, é um ícone que narra todo o mistério dessa mulher iluminada pelo amor de Deus e é nossa companheira na peregrinação da fé.

Ave, Maria,
 lâmpada luminosíssima,
 em Ti permanece
 a eterna Sabedoria;
 mulher forte, nova Eva
 amada e conquistada pelo amor.
 Ave, Maria,
 pequena entre os pequenos,
 Deus Te escolheu
 para confundir os fortes;
 ternura do Senhor,
 Tu és o esplendor, Tu és a testemunha do Eterno.

Ave, Maria,
 primeira entre os discípulos,
 nos caminhos do tempo
 Tu és uma mulher a caminho,
 na fé, nos acompanhas,
 mãe verdadeira, ao reino da luz.

As últimas linhas são inspiradas: "Nos caminhos do tempo, Tu és mulher caminhante e nos acompanhas na fé, como verdadeira mamãe, para o reino da luz". Somos um povo peregrino, mas Maria caminha ao nosso lado e, nos caminhos da nossa vida, ela acompanha a nossa fé. Ela também teve de viver da fé; a sua vida não foi fácil, nem ficou ao abrigo dos riscos, nem livre da dor. Pelo contrário, o povo de Deus chama-a de "Nossa Senhora das dores". Hoje ela é a Mãe que guia os nossos passos em direção ao Reino da luz. Ela, a amada, toda conquistada pelo Amor, é para nós "ternura de Deus, esplendor e testemunha do Eterno".

Maria, peregrina da fé e mãe nossa, roga por nós!

20- A fé é uma paixão

Em Maria, a fé é uma paixão maternal. O poema que segue no-lo diz:

Maria amou Jesus,
Ele que é o Amor.

Maria disse sim a Jesus,
Ele, o Sim de Deus.

Maria deu à luz Jesus,
Ele, a luz do mundo.
E luz de todo homem
Que vem ao mundo.

Maria ensinou Jesus a falar,
Ele, a Palavra de Deus.

Maria alimentou Jesus,
Ele, o Pão da vida.

Maria amparou os primeiros passos de Jesus,
Ele, o Caminho da vida.

Maria introduziu seu Filho no sentido das coisas,
Ele, o SENTIDO absoluto.

Maria iniciou seu Filho à oração,
Ele, o coração de toda verdadeira oração.

Eis o que era a fé de Maria: nada fácil, mas sustentada pela oração e crescendo com cada desafio da vida. Era uma fé fiel, missionária, carregada de frutos, incluindo horas de alegria e momentos de trevas, como no Calvário. A fé de Maria não é um longo “Creio”, mas uma vida doada. A fé da Mãe do Senhor sustenta a nossa fé, como reza o hino ‘*O tu, cuja beleza*’:

O preço do teu amor
Permanece para sempre
Escondido em nossas messes.

A última imagem de Maria, nos Atos 1,14 e em João 19,28 mostra uma mulher fiel a

Jesus, fiel à Igreja e membro da Igreja. Lucas, que a revelara no início de seu evangelho, no-la faz reencontrar no começo dos Atos. João que no-la descobre no primeiro sinal, o de Caná, no começo da vida pública de Jesus, mostra-a ainda no último sinal, o da Cruz, quando termina a vida pública do Senhor. Depois, vemo-la acompanhar o discípulo em sua casa, na sua comunidade, na sua Igreja. Lucas e João insistem na fidelidade de Maria. A fé de Maria atravessa de ponta a ponta a vida de seu Filho; entra na Igreja e ali faz morada. Se Maria se retira desse modo, na Igreja, é para dizer-nos que ela vive, agora, na comunhão dos santos, na família de seu Filho. Permanece em comunidade na espera do Espírito, rezando para acolhê-Lo. Hoje, Maria é mãe na comunhão dos santos; ela intercede por todos aqueles que creem em seu Filho; intercede para que, sobre eles também, venha o Espírito.

Maria recebe um lugar muito pequeno no Novo Testamento, e é bom assim, porque todo o espaço das Escrituras é reservado ao Filho. Mas essa palavra de Deus a respeito dela é inesgotável; ela no-la revela como o modelo de fé, uma fé que se identifica sempre com o amor. É a mãe que ilumina nossa fé. Em sua fé, em seu seio, nasce para nós Jesus, o Senhor ao qual damos nossa fé e nosso coração.

21- A fé de Maria no evangelho de João

Este título pode parecer surpreendente e original. Estamos habituados a ver valorizada a fé de Maria, no evangelho de Lucas: “Feliz és tu que acreditaste...” (Lc 1, 45). Assim termina o canto de Isabel, inspirado pelo Espírito, canto acolhido pela Igreja de Lucas, depois por toda a Igreja dos Apóstolos. Essa bem-aventurança da fé é a primeira e a última dos evangelhos; é a bem-aventurança-base de todas as outras.

No entanto, podemos afirmar que João ultrapassa Lucas, se podemos ousar dizê-lo, na apresentação de Maria como exemplo de fé. Não é mais a mãe na infância de Jesus; é a mãe presente na vida pública de Jesus, quando ele é o grande profeta, o Messias esperado. Ela está presente quando começa a vida pública de seu Filho; ela permanece de pé, perto de seu Filho, quando ele conclui sua vida pública na morte. A fé no Filho parte dela e termina com ela.

1- O Evangelho de João:

Este evangelho é o último escrito, em torno dos anos 95-100; cerca de 30 anos depois daquele de Marcos. No entanto, os inícios do Evangelho de João são tão antigos quanto aqueles dos outros evangelhos. Historicamente, os fatos narrados têm o mesmo valor. Em João há traços de maior cultura judaica; ele conhece bem as festas judaicas, a piscina de cinco pórticos (Betesda), fala do Sinédrio com melhor conhecimento.

Este evangelho é marcado por três grandes acontecimentos:

1-A destruição do Templo de Jerusalém: Os cristãos de Jerusalém devem acostumar-se a viver sem o Templo, como os judeus que não cristãos. A Palavra – a Torah – vai tornar-se novamente o centro da fé para os judeus que não aceitam o Cristo e que são coordenados pelo movimento dos fariseus de Jâmnia. O Logos – Jesus-Palavra - vai tornar-se de novo o centro da fé para os judeus tornados cristãos, os de Jerusalém como os da diáspora, e em seguida, para todos os cristãos provenientes do mundo grego, os povos gentios.

2-A decisão de Jâmnia, tomada pelo movimento dos fariseus, pelo ano 74, é uma decisão que exclui do povo de Deus os judeus que acolheram Jesus como Messias. A 18ª oração contida no código de Jâmnia é dirigida contra os judeus cristãos... Em João, a expressão «os judeus» faz alusão àqueles que se dizem JUDEUS, em oposição aos judeus cristãos. Com essa decisão começa a grande racha ou divisão dentro do povo judeu, dividindo aqueles que permanecem fiéis aos fariseus e aqueles que se dizem discípulos de Jesus. No correr dos séculos, esse fosso foi aumentando.

3-A Igreja já tem 60 anos de existência. Adquiriu experiência e organizou-se melhor.

S. Inácio de Antioquia está na origem, pelos anos 80, de uma Igreja piramidal, tendo como chefe um bispo. Essa estrutura irá impor-se lentamente, e representa a organização futura da Igreja. A Igreja conheceu as primeiras perseguições sob o imperador Nero, no ano 67; depois, sob o imperador Domiciano, em torno do ano 85. As autoridades romanas aprenderam a distinguir cristãos e judeus. Estes gozavam de um estatuto preciso no império romano e eram protegidos. Os cristãos não tinham estatuto, não gozavam de reconhecimento legal nem de proteção oficial. Devem conviver com perseguições, como narra o Apocalipse.

2- Características do Evangelho de João

1-Autores: João, o discípulo amado, e a comunidade de João são a fonte das tradições. João, o antigo, discípulo do Apóstolo João, e a comunidade em torno dele são responsáveis pela edição final do evangelho. As passagens expressas por “nós” confirmam a pluralidade dos escritores.

2-O evangelho de João é o mais profundo, o mais penetrante e mais original... O Prólogo remonta às origens eternas do Verbo.

São novos muitos elementos e sinais... Caná, o paralítico, o cego de nascença, Lázaro. O estilo é diferente: uma afirmação é retomada várias vezes com pequenas variantes. Um sinal ocupa todo um capítulo. Concede a Jesus a ocasião de falar. Os sinóticos multiplicam os sinais em poucas frases; são como cenas rápidas (flash). João apresenta um sinal e o aprofunda. O sinal do pão vivo, no capítulo VI, é desenvolvido em mais de 70 versos.

3-Trata-se de um evangelho muitas vezes escrito em **quiasmo, sob a forma de **descida-subida**: o **Prólogo** é um belo exemplo – Jesus vem do Pai e ascende ao Pai. O evangelho está cheio dessa realidade: Jesus vem do Pai e retorna ao Pai. Os sinais são colocados no evangelho de modo a formar um quiasmo.**

4-Podemos denominar o evangelho de João como o **Evangelho do Pai. A palavra Pai ou os pronomes que o substituem ocorrem 114 vezes, muito mais do que nos Sinóticos somados.**

5-Trata-se de um evangelho sob o signo **da intimidade e da luta. Dois rostos de Jesus: aqueles que o procuram e acolhem; aqueles que o recusam. Encontramos assim: a-*Intimidade*: Nicodemos, a Samaritana, os discursos da última ceia... Aqueles que o Prólogo tinha visto, quando dizia: “Mas, àqueles que o acolheram deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.”**

b-*Luta*: os capítulos 5, 6, 7, 8, 9, 10... e aqueles que o Prólogo designava quando ele disse: “Ele veio para os seus, mas os seus não o receberam.” É a luta **da luz e das trevas** que atravessa o evangelho do começo ao fim.

3- A fé no Evangelho de João

É preciso distinguir a **fé da comunidade** de João, uma fé pós-pascal, e a **fé dos indivíduos**.

a- A fé da comunidade, aquela que adorna Jesus com grandes títulos, desde o capítulo 1. Prólogo: Jesus é o Verbo, Deus perto de Deus, Luz, Vida, Criador de todas as coisas, Verbo feito carne, cheio de graça e de verdade, Filho único do Pai, no Seio do Pai...

E desde o primeiro encontro com o povo, o Batista e os discípulos: ele é o Cordeiro de Deus, aquele que batiza no Espírito Santo, o Rabi, o Messias, o Filho de Deus, o rei d'Israel... Mais que as testemunhas é a comunidade que afirma sua fé.

b- A fé dos indivíduos : Aqui encontramos uma fé negativa ou de recusa e uma fé positiva ou de acolhimento:

1- Ele veio para os seus e os seus não o receberam, Jo 1,11.

2- Mas a todos os que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus; a primeira a acolhê-lo é Maria, e ela se torna assim a primeira filha de Deus.

Recusa e acolhimento, fé negativa e fé positiva perpassam todo o evangelho.

Esta é a fé dos inícios, dos primeiros versículos de João.

c- A fé em conclusão e então como uma inclusão:

1- Na conclusão do capítulo 21, o último versículo, 21,24:

“Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.”

2- A primeira final é mais explícita, no capítulo 20,30: « Jesus fez, diante de seus discípulos, muitos outros sinais ainda, que não se acham escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para crerdes que Jesus **é o Cristo, o Filho de Deus**, e para que, crendo, tenhais a vida eterna em seu nome.»

A inclusão é dupla, porque a fé dos inícios é reafirmada em final, e dois títulos do início são reafirmados na conclusão: **o Cristo, o Filho de Deus**.

3- Retornando ao capítulo 20, encontramos dois gêneros de fé:

1- Aquele de Tomé **que tem necessidade de muitos sinais**, mas que chega também à mais alta profissão de fé : « Meu Senhor e meu Deus! »

2- Aquele dos que creem sem ter visto: « **Felizes esses que não viram, mas creram!** » - Os verbos estão no passado e não no futuro. Quem são esses que creram sem ter visto? Maria, desde a Anunciação, Maria que recebe a primeira bem-aventurança pela fé: “Feliz és tu que creste!” Primeira entre todas as bem-aventuranças dos evangelhos, e aqui estamos na última delas: a primeira e

a última das bem-aventuranças exaltam a fé.

Mas também: menos se crê, maior necessidade há de sinais: Tomé e discípulos, em Lucas.

Mais se crê, menor necessidade há de sinais: o discípulo que ama crê vendo o túmulo vazio... E Maria...

Cada sinal é um momento de fé. Em relação ao sinal da cruz, o evangelista escreve: « Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que vós creiais » (Jo 19, 35).

4- A fé avança de capítulo em capítulo, no evangelho de João:

O verbo **crer**, em seu significado positivo ou negativo retorna mais de **95 vezes**, no evangelho de João. (Cf. a TEB).

Os capítulos que o repetem mais vezes são os capítulos 6 e 11: o verbo **crer** retorna 9 vezes em cada um deles; depois vêm os capítulos 3 e 12, onde o verbo **crer** aparece 8 vezes; depois os capítulos 4, 5, 20 retomam esse verbo 7 vezes... O único capítulo em que o verbo **crer** parece ausente é o capítulo 15.

1-Capítulo 2: a fé de Maria,

2-Capítulo 3: a fé de Nicodemos, + os versículos 16,17...

3-Capítulo 4: a fé da Samaritana e dos Samaritanos,

4-Capítulo 5: no fim do capítulo: « Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim. »

5-Capítulo 6: a não fé dos discípulos que abandonam Jesus e a fé de Pedro...

6-Capítulo 9: a fé do cego de nascença... e a não-fé dos fariseus.

7-Capítulo 10: « Vós não credes porque não sois de minhas ovelhas... », 25-26...

8-Capítulo 11: a fé de Marta e de Maria...

9-Capítulo 12: « Ainda que tivesse feito muitos sinais diante deles, eles não creram nele... », v. 37, e v. 44 : « Quem crê em mim não é em mim que crê, mas em quem me enviou. » É o fim da parte do evangelho centrado nos sinais.

10-Os capítulos da última Ceia são todos capítulos de intimidade...

No capítulo 14 retorna com frequência a palavra « crer ». No capítulo 17, Jesus fala da fé de seus discípulos...

A fé avança no evangelho de João de capítulo em capítulo, sob a forma de recusa ou de acolhimento, das trevas e da luz...

As grandes testemunhas da fé são: a comunidade, o Batista, os primeiros discípulos, Maria, Nicodemos, a Samaritana, Pedro, o cego de nascença, Marta e Maria...

Mas, as maiores testemunhas são o Pai e o Espírito Santo, Moisés e as Escrituras...

Aqueles que têm fé em Jesus

- 1-A Comunidade
- 2-João Batista
- 3-Os primeiros discípulos
- 4-Maria em Caná
- 5-Nicodemos
- 6-A Samaritana
- 7-Pedro (o Pão da vida)
- 8-O cego de nascença
- 9-Marta e Maria
- 10-Sua Mãe junto à cruz e o discípulo amado
- 11-O discípulo amado no túmulo vazio
- 12-A fé de Tomé
- 13-A fé daqueles que creram sem ter visto.

Aqueles que não têm fé em Jesus

- 1-Os fariseus, em geral: os judeus.
- 2-Muitos discípulos, no cap. 6.
- 3-Judas
- 4-Os chefes do povo.

Jesus

Pedro

3-Judas

4-Os chefes do povo.

5-Visão global do Evangelho: suas principais partes e a fé

Estas principais partes mostram que a fé está constantemente presente:

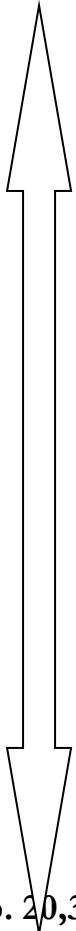
1-A primeira parte compreende quase todo o evangelho, do Prólogo ao capítulo 20.

2-A segunda parte dessa dos sinais, seja do capítulo 2 ao capítulo 12.

3-A terceira parte conduz ao SINAL da Cruz; ela começa no capítulo 13, início dos discursos da última Ceia, e termina no capítulo 20, 29: « os que creem sem ter visto. »

Prólogo, 1.

« Mas a todos que o receberam
deu o poder de ser tornarem
filhos de Deus. »

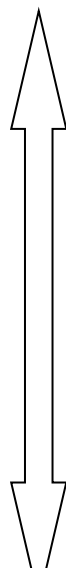


Cap. 20,30 :
« Estes sinais foram escritos
para que creiais... »

Os Sinais:

Caná, 2.

Maria, modelo da fé.



Cap. 12,44

«Quem crê em mim,
não é em mim que crê,
mas em quem me enviou! »

O SINAL
JOÃO 13



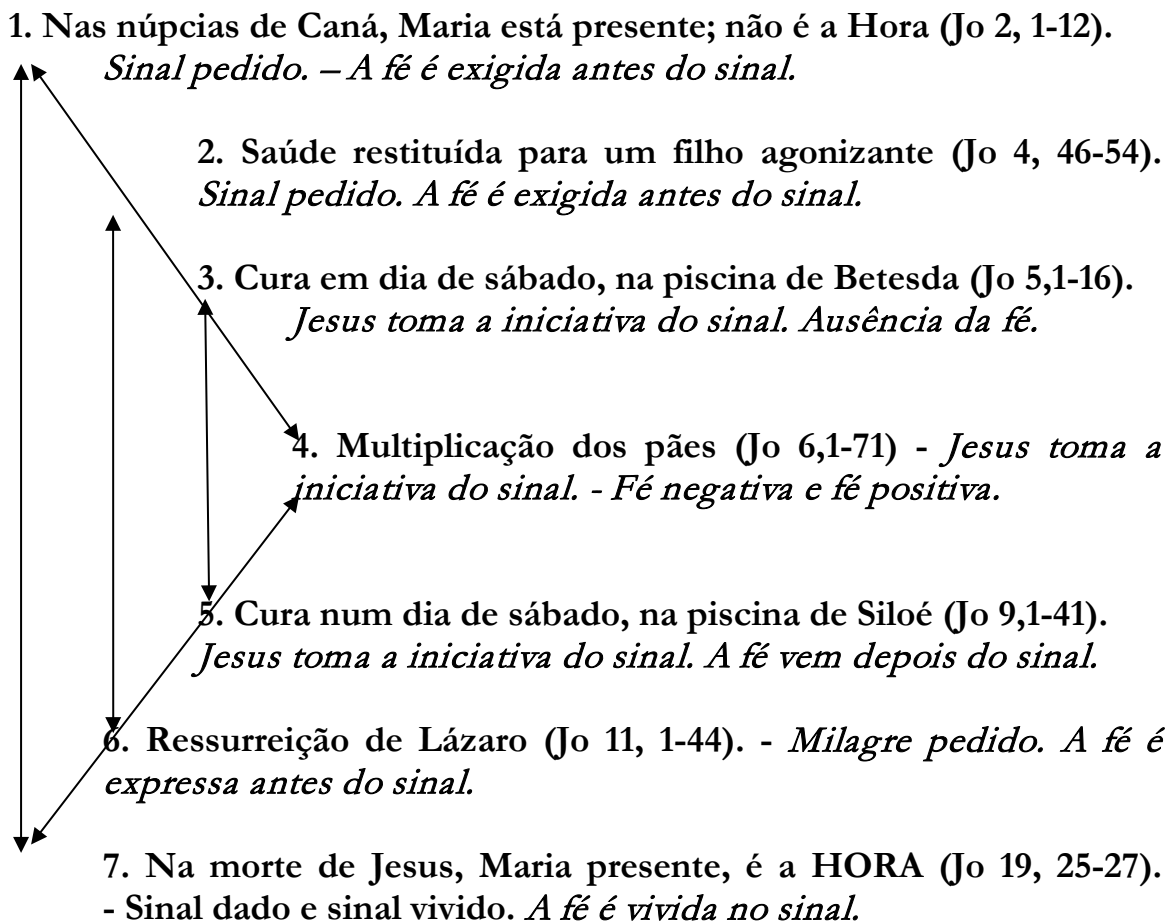
JOÃO
20,29

Aqueles que
creem sem
ter visto.

6- Os sinais e o Sinal

Raymond E. Brown, grande exegeta americano, descobriu que eles são apresentados em forma de quiasmo.

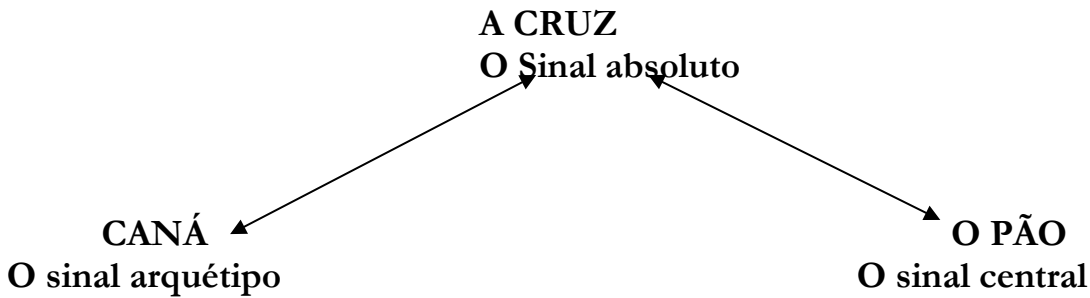
O QUIASMO SE APRESENTA ASSIM:



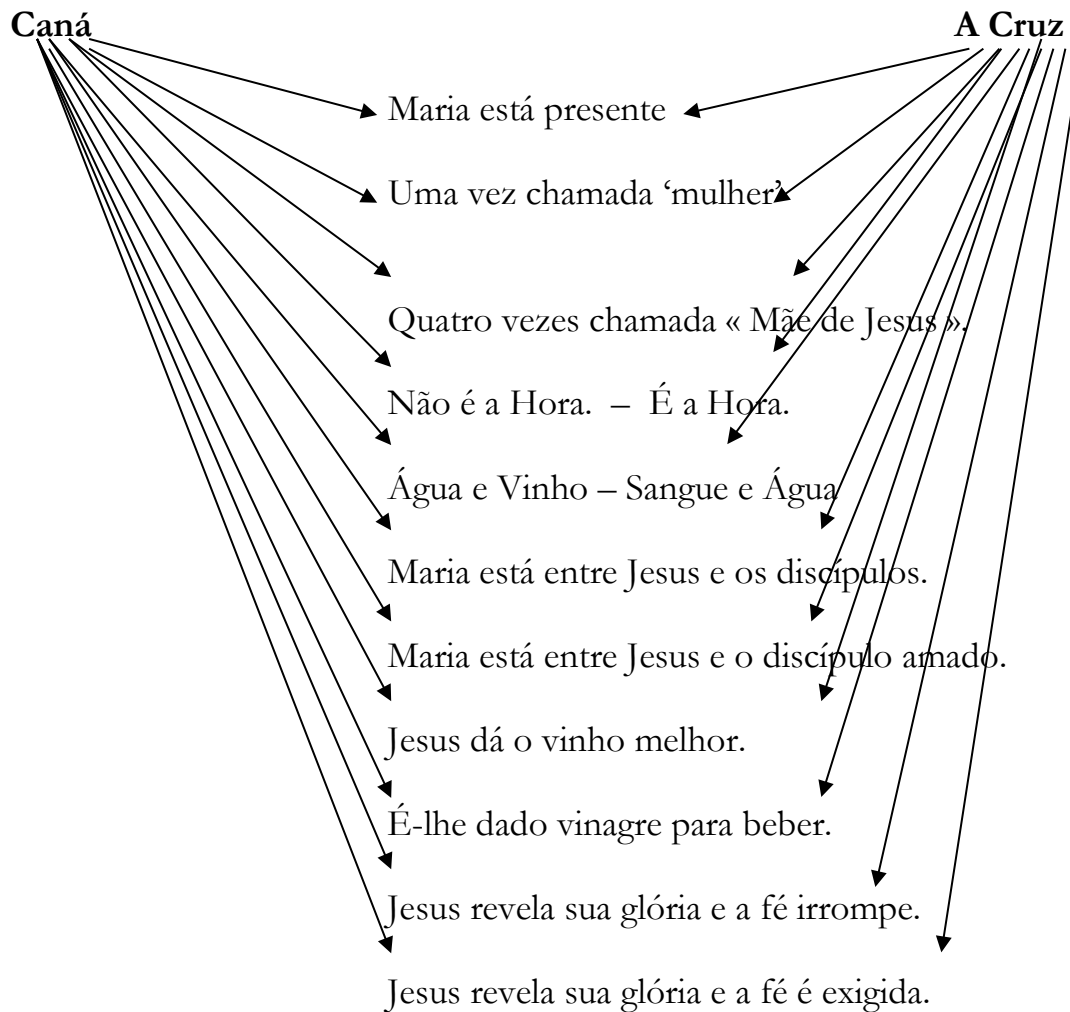
7- Maria nos sinais

Maria está presente em três sinais:

- 1-Em Caná que é o sinal arquétipo, o modelo.
- 2-Na multiplicação dos pães que é sinal central, e sinal pivô.
- 3-Na cruz que não é sinal, mas é o SINAL.



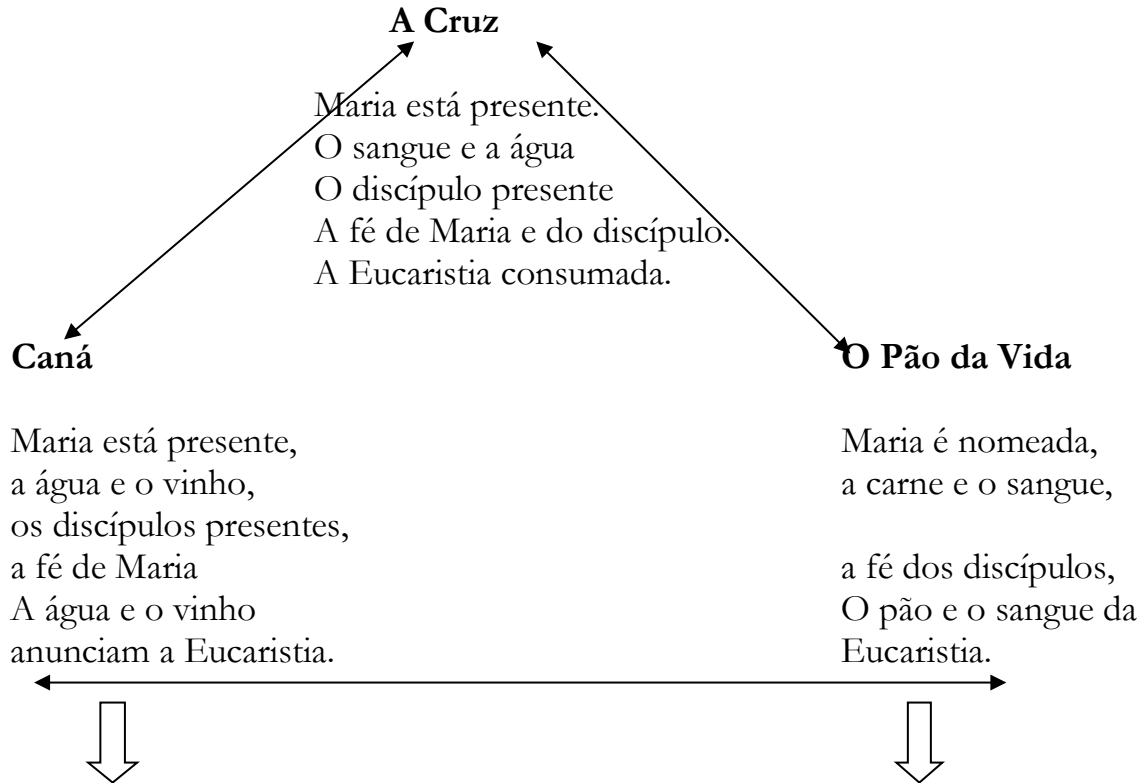
Ligações entre esses sinais:



A vida pública de Jesus está colocada entre duas presenças da Mãe: inclusão.
(Observem a arte de escrever nos evangelhos).

Caná	A Cruz
Maria está presente e é a primeira nomeada	Maria está presente e é a primeira nomeada.
Maria é chamada três vezes de Mãe de Jesus.	Maria é chamada três vezes de « Mãe de Jesus ».
Maria é chamada uma vez de « mulher ».	Maria é chamada uma vez de « mulher ».
Em Caná ainda não chegara a HORA.	Na Cruz é verdadeiramente a HORA.
Em Caná é questão de água e vinho.	Na Cruz é questão de sangue e de água.
Para a sede dos convidados Jesus oferece o vinho melhor.	Na Cruz, Jesus tem sede e lhe dão vinagre para beber.
Em Caná, Jesus espera pela fé de Maria.	Na Cruz « estas coisas foram escritas para que creiais ».
Em Caná, Maria se coloca entre Jesus e os discípulos.	Na Cruz, Maria está perto da cruz de Jesus e o discípulo está perto da Mãe.

Laços entre Caná, o Sinal do Pão da Vida e a Cruz:



<i>Os sinais 1, 4, 7 enquanto momentos dramáticos</i>		
<i>No sinal arquetipo em Caná: O amor está em perigo. Falta o vinho.</i>	<i>No sinal central o pão da vida: A fé está em perigo.</i>	<i>No Sinal da Cruz: A vida está em perigo e ela está perdida.</i>
O amor é salvo por Jesus, com intervenção de Maria. No banquete é servido o vinho melhor.	A fé é salva pela resposta de Pedro: “A quem iríamos nós, Senhor”? É um ato de adoração.	A vida é salva na Mãe e no discípulo, (o Espírito vem sobre eles), depois na ressurreição do Senhor.

8- A fé nos sinais

Quando se observa o quiasmo dos sinais, pode-se notar que:

1-A fé vai diminuindo nos quatro primeiros sinais;

2-A fé aumenta nos quatro últimos sinais.

Nós teríamos uma fé em **V** no Evangelho de João.

1-Em Caná, a fé de Maria responde a uma espécie de provocação, de desafio... Trata-se da fé exemplar, a fé daquela que conhece o Filho, a fé que vai passar da mãe para os discípulos. É uma fé contagiosa que permite ao Filho de ocupar o centro da cena e de revelar sua glória. É a fé na festa do amor; a fé que aponta para as Núpcias do Filho e da Humanidade; a fé que começa a construir a Igreja. Em Caná, a fé de Maria diz respeito a Jesus, aos discípulos, aos homens e seus problemas. Ela é a origem longínqua de nossa própria fé.

2-A fé do funcionário real (Jo 4,46-54) é esplêndida, mas não é diretamente irradiante como a de Maria; ela não tem a amplitude nem o alcance daquela de Maria em Caná. Mas é, assim mesmo, uma fé exemplar que pode estimular a nossa.

3-O paralítico curado na piscina de Betesda não manifesta nenhuma fé. Ele não pede o milagre, não agradece a Jesus, corre para dizer o nome de Jesus aos judeus, gesto ao menos ambíguo. E Jesus é obrigado a defender-se dos judeus.

4-No sinal do Pão da Vida, todo um grupo de discípulos abandona Jesus, e pela primeira vez faz-se alusão a Judas, aquele que vai entregar o Mestre. Não há apenas abandono, mas alguém já pensa em entregar seu mestre. É uma fé negativa que mata. Aqui podemos colocar em oposição três comportamentos:

1-Aquele que trai pede 30 denários por ele;

2-Aquele que ama compra 30 kg de aromas para ungir o corpo do Rei e Messias.

3-Aquela que ama loucamente derrama sobre os pés de Jesus um perfume no valor de 300 denários, ou seja, o equivalente ao salário anual de um trabalhador.

Nessa primeira série de sinais vamos da fé exemplar, a de Maria, para a fé falsa dos discípulos que abandonam e a de Judas.

Nos quatro últimos sinais, a fé vai aumentando até a fé extraordinária da Cruz.

1-No quarto sinal, Pedro reanima a fé: «A quem iríamos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna e nós cremos e sabemos que tu és o Santo, o Santo de Deus!» É a fé que segue o sinal, mas é um verdadeiro ato de adoração.

2-A fé do cego de nascença, no capítulo IX, termina com um ato de adoração: “Eu creio, Senhor”; e se prosterna diante dele (Jo 9,38). É este, em João, o primeiro ato de adoração, expresso em ato e não apenas em palavras? É uma fé que sabe lutar e toma

a defesa de Jesus; afirma toda sua simpatia por Jesus. Ainda aqui a fé vem depois do sinal.

3-A fé de Marta e de Maria precede o sinal, é fé forte e professa a divindade de Jesus; é fé pedida por Jesus. É a fé dos amigos, daqueles que recebem o Cristo em sua intimidade. É uma fé sem falhas. Neste sinal, nos encontramos num crescimento extraordinário da fé:

- Senhor, se estivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá.

- Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?

- Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.

- Maria reforça a fé de Marta, quando se prostrou aos pés de Jesus, dizendo: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”.

- A Marta que diz a Jesus que já era o quarto dia da morte de Lázaro e que cheira mal, Jesus responde: « Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?»

4-No sinal da Cruz, temos a fé da Mãe que revela fidelidade na provação, no sofrimento e na morte do Filho. É fé que equivale ao amor. O Filho conserva todo seu valor e sua atração, apesar do fracasso, do sofrimento e da morte. Para a Mãe fiduciosa o sofrimento e a morte são compreendidos como momentâneos, enquanto o Filho é eterno; é Deus. A Mãe reconhece que o revés, o sofrimento e a morte exaltam o Filho; essa fé proclama a grandeza de Deus que se dá sem medida. Essa fé é união total com o Filho que se doa e morre.

A presença da mãe reafirma sua fé no Filho, quanto tudo parece desaparecer na obscuridade do túmulo. A obra de arte de Miguel Ângelo, a *Pietà*, colocada à direita da entrada da basílica de São Pedro, mostra Maria segurando em seus braços o corpo do Senhor. Ela nos fala da fidelidade da mãe. A palavra “*pietas*” era um termo militar, entre os romanos. Significava a fidelidade dos soldados na batalha até a morte, se necessário. Maria tem essa fidelidade: ela vive a morte de seu Filho. Aqui nos encontramos no amor final: “Tendo amado os seus, amou-os até o fim”. Para Maria: “Tendo amado seu Filho, ela o amou até o fim...” E ainda: “Não há amor maior do que dar a vida por aqueles que se ama!” Maria deu sua vida pelo Filho que ela amava. É como um perfeito vai e vem de amor, entre o Filho e a Mãe.

9- Ainda os sinais

Nos sinais que formam o quiasmo, aqueles que estão na segunda metade do quiasmo são, um a um, maiores do que aqueles que lhes são simétricos, na primeira parte do quiasmo.

Assim:

1- A cruz é um sinal maior do que Caná.

2-A ressurreição de Lázaro é mais surpreendente do que a cura de um filho doente.

3-O cego de nascença é mais humano, mais simpático, mais crente do que o paralisado da piscina de Betesda.

4-No sinal do pão da vida, a parte que concerne a Pedro é mais nobre do que a parte que concerne aos discípulos que abandonam ou vão embora, entre os quais está Judas.

Mas também:

1-O sinal de Caná é maior do que a primeira série: é a festa do amor; Jesus é verdadeiramente colocado no centro por Maria; ele é o esposo. Torna-se o homem público...

Caná é maior, como sinal, do que a cura do filho do funcionário real.

Caná é maior do que a cura do paralisado...

2-A cruz é um sinal maior que os outros, encontrados na mesma série ; maior do que a ressurreição de Lázaro ; maior do que a cura do cego de nascença, maior do que o sinal do pão da vida. E não se trata de um sinal como os outros que são trampolim para melhor conhecer Jesus. A cruz é o SINAL onde Jesus se declara diretamente, é uma teofania direta, é uma revelação direta de quem é Deus: ele é aquele que vai até a morte, morte que se torna nossa vida.

Assim:

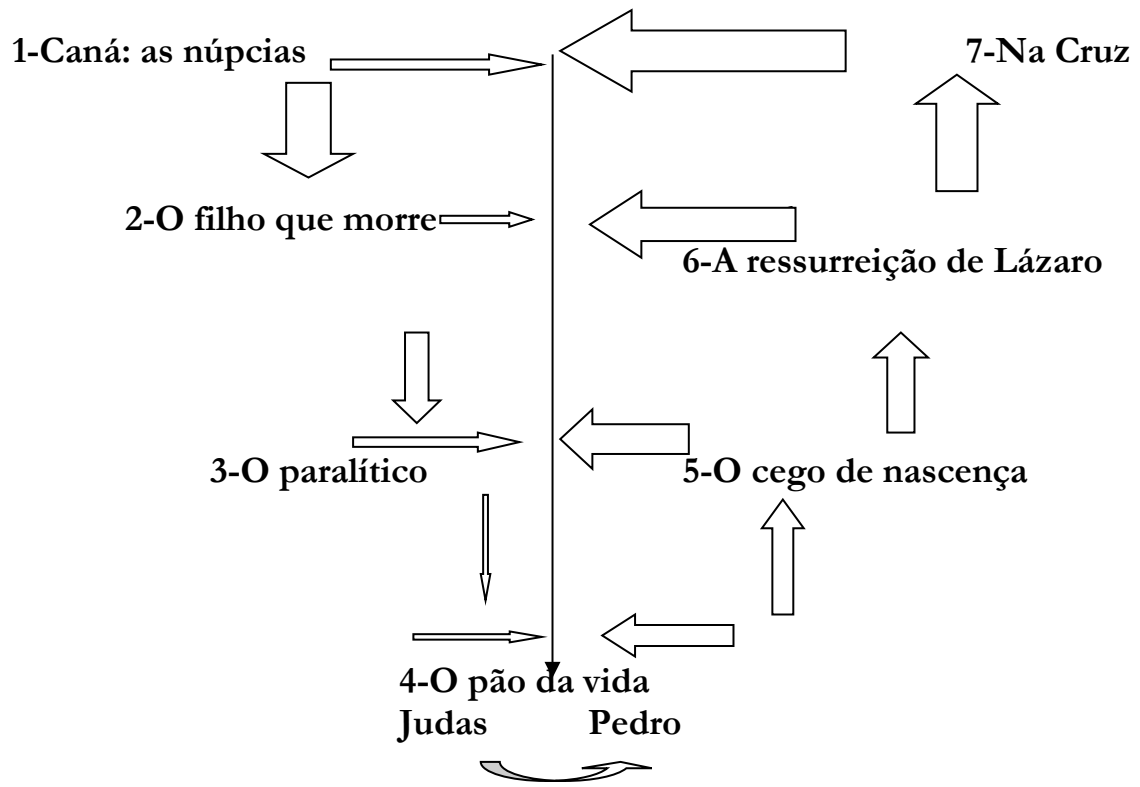
1-Maria se encontra nos sinais maiores, com a maior fé, presente no evangelho de João.

2-Ela marca presença no primeiro e no último sinal; a Mãe faz inclusão para toda a vida pública de Jesus.

João verdadeiramente constitui Maria como o modelo da fé; ela ocupa o lugar mais alto. João é também o único evangelista a colocar Maria tão positivamente e em destaque, na vida pública de Jesus.

O esquema seguinte mostra o que acaba de ser dito, nas páginas precedentes. O sinal de Caná é o mais importante de sua série, porém, menos importante do que o SINAL da Cruz. O SINAL da Cruz é o mais importante de sua série e mais importante do que Caná. O sinal do filho que morre é menos importante do que Caná, porém, mais importante do que os dois que seguem na sua série. A ressurreição de Lázaro é um sinal maior do que o sinal do filho que morre, e maior do que o sinal do cego de

nascença e do que a fé de Pedro..., mas menor do que o SINAL da Cruz...



22- Oração: Recebe meu 'sim'

Virgem da Anunciação,
Acolhe o sim de minha resposta
ao chamado do Senhor;
guarda-o em teu SIM,
porque tu sabes quanto sofro
para dizer meu sim frágil e parcial,
dado e retomado.

Faze que a alegria e a esperança,
que levaste a Isabel,
cantem ainda o Magnificat,
no solar de minha casa.

Sobretudo, que eu seja como tu,
um missionário a caminho,
pobre em meios, rico de teu Filho,
Ele que faz saltar de alegria
os filhos do Reino.

Tu, a serva cheia de amor,
faze que eu seja humilde e fiel no serviço,
até a cruz,
e que eu permita ser salvo por teu Filho,
para que Ele seja
minha sabedoria e minha justiça,
minha santidade e minha liberdade.

Conserva-me no caminho
que conduz à festa do Amor.

Que o Espírito e a Igreja possam dizer ainda:
« Feliz, feliz, tu que acreditaste! »
Maria, faze-nos entrar em tua bem-aventurança:
« Feliz, tu que acreditaste! »

23- Maria, a primeira

Este esquema apresenta Maria, com frequência, como a primeira. Os evangelhos lhe concedem poucos versículos, mas lhe reservam seu lugar muito importante.

